

# MEMÓRIAS

## vozes de migrantes internacionais

Organização

Gleudson Melo

Angela Guida

Prefácio

João Fábio Sanches Silva

# MEMÓRIAS

vozes de migrantes  
internacionais

Organização

Gleudson Melo  
Angela Guida

Campo Grande/MS

2026

editora **ECO**  
**Didática**<sup>®</sup>

**Copyright © 2026 dos autores e da Editora Ecodidática**

Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND).  
Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Em atenção ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP/UFMS e pelo Comitê de Ética com Seres Humanos CESH/UEMS, nesta obra foram utilizados nomes fictícios para os migrantes internacionais, preservando-se o sigilo dos nomes verdadeiros para fins de proteção de dados sensíveis, sem prejuízo à veracidade dos fatos narrados.

**Revisão:** obra revisada pelos autores organizadores

**Projeto gráfico, edição e diagramação:** Editora Ecodidática

**Capa:** © Gleidson Melo, registro fotográfico do autor / BR-262 (Mato Grosso do Sul)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Memórias [livro eletrônico] : vozes de migrantes internacionais /  
organização Gleidson André Pereira de Melo, Angela Maria Guida. --  
Campo Grande, MS : Editora Ecodidática, 2026.  
PDF

Bibliografia  
ISBN 978-65-85640-19-0

1. Emigração e imigração - Aspectos sociais 2. Línguas e linguagem  
3. Linguístas 4. Refugiados - Direitos fundamentais. I. Melo, Gleidson  
André Pereira de. II. Guida, Angela Maria.

26-363247.0

CDD-304.82

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Emigração brasileira : Sociologia 304.82  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**DOI:** 10.56713/editoraecodidatica/85640190

**Editora Ecodidática:** <https://editoraecodidatica.com.br>

**E-mail:** [contato@editoraecodidatica.com.br](mailto:contato@editoraecodidatica.com.br)

**Contato** +55 67 3211-2328 (WhatsApp)

**Instagram:** <https://www.instagram.com/editoraecodidatica.com.br>

## **CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR (Doutoras e Doutores)**

**Airton José Vinholi Júnior**

IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

**Angela Guida**

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Antonia Suely Guimarães e Silva**

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão – Centro de Estudos Superiores de Caxias

**Ariane Aparecida Carvalho de Arruda**

Pesquisadora em História da América colonial, História do Brasil colonial, Etno-história, História indígena e Arqueologia

**Beatriz Aparecida Alencar**

IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

**Betinha Yadira Augusto Bidemy Casimiro Sá**

Universidade Amílcar Cabral, Bissau, Guiné-Bissau

**Bruna Franco Neto**

IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

**Daniela Sottili Garcia**

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Djanires Lageano Neto de Jesus**

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Eduardo Salinas Chavéz**

Instituto de Desarrollo Regional Universidad de Granada, España

**Eliane Rosa da Silva Dilkin**

IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

**Fábia Trentin**

UFF – Universidade Federal Fluminense

**Fabio Martins Ayres**

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Fábio do Vale**

Faculdade Insted – Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano

**José Luís dos Santos Peixoto**

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Larissa Tinoco Barbosa**

Pesquisadora associada ao Instituto Arara Azul

**Luciana Correia Dietrich**

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Marilyn Aparecida Errobidarte de Matos**

IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

**Marta Costa Beck**

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Patrícia Cristina Statella Martins**

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Atestamos que esta obra foi indicada para publicação pelo Conselho Editorial Científico Multidisciplinar da Editora Ecodidática.

*Dedicamos esta obra a todos os migrantes que, com coragem para partir em busca de novas travessias, deram vida a estas páginas com vozes que testemunham esperança, pertencimento e herança cultural.*

# SUMÁRIO

<b>Prefácio .....</b>	<b>9</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>15</b>

## **Vozes de migrantes internacionais**

<b>Fé, coragem e resistência .....</b>	<b>24</b>
--	-----------



*Maria Flores / Bolívia*

<b>Entre as graças de Deus: a missão de transformação de uma família timorense .....</b>	<b>28</b>
--	-----------



*Bella Guterres / Timor-Leste*

<b>Uma herança espiritual para toda a vida .....</b>	<b>33</b>
--	-----------



*Mujer Valiente / Cuba*

<b>Por amor às filhas.....</b>	<b>42</b>
--------------------------------	-----------



*Nena Uwo / Bolívia*

Uma jovem dedicada à formação.....45



*Marie Jezou / Haiti*

Reconstruindo a vida: uma história de superação.....49



*Anghely Julieta Contreras / Venezuela*

No horizonte da língua portuguesa .....52



*Lautem Iliomar / Timor-Leste*

Haussás: movimentos migratórios .....55



*Abdu Alhausawi / Arábia Saudita*

Migração, resistência e integração cultural no Brasil.....57



*Pedro Aza / Venezuela*

A natureza e a cultura haitiana .....59



*Yvrose Desir / Haiti*

Herança cultural e familiar.....62



*Abdellah Ali / Marrocos*

Ao filho querido .....64









*Lili Roça / Bolívia*

Uma camba do oriente boliviano .....66



*Julia Rojas / Bolívia*

Uma longa travessia.....	70
 <i>Alejandro Gonzalez / Colombia</i>	
Encontro com a paz.....	77
 <i>Ahmed Mansour / Palestina</i>	
Lições para toda uma vida .....	79
 <i>Luís Bracho / Venezuela</i>	
Desafios linguísticos.....	97
 <i>Kathia Jean / Haiti</i>	
O mar do Caribe venezuelano .....	99
 <i>Sol del Mar / Venezuela</i>	
Uma poliglota visionária.....	103
 <i>Sanite Destin / Haiti</i>	
<b>Considerações desta travessia.....</b>	<b>105</b>
<b>Referências .....</b>	<b>107</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>108</b>
<b>Sobre os autores .....</b>	<b>110</b>
<b>Índice remissivo .....</b>	<b>114</b>

## PREFÁCIO

**N**as últimas décadas, o interesse por questões relacionadas às experiências de aprendizagem de Português como Língua de Acolhimento vem ganhando crescente destaque na literatura nacional e internacional, especialmente diante da intensificação dos fluxos migratórios que chegam ao Brasil anualmente.

Muitos desses migrantes internacionais são provenientes de países fronteiriços ou de regiões marcadas por crises sociais, econômicas e políticas, encontrando no Brasil a esperança de melhores condições de vida, segurança, oportunidades de trabalho e acesso à educação.

Entretanto, entre os inúmeros desafios impostos pelo processo migratório, destaca-se o idioma. A aquisição de uma nova língua exige esforço, dedicação e enfrentamento de múltiplas dificuldades que atravessam a experiência dos migrantes, tais como o próprio deslocamento territorial, as barreiras culturais, os problemas emocionais, financeiros e de saúde, além das diversas formas de preconceito e exclu-



são social ainda presentes na sociedade contemporânea. Em muitos casos, os aprendizes também se deparam com a ausência de políticas públicas efetivas e com a insuficiência de profissionais preparados para o ensino de Português como Segunda Língua ou como Língua de Acolhimento.

Nesse contexto, compreender o processo de apropriação da língua portuguesa por migrantes implica reconhecê-la como prática distinta do ensino destinado a falantes nativos. O conceito de Português como Língua de Acolhimento ultrapassa a noção tradicional de língua estrangeira ou segunda língua, pois se relaciona diretamente às possibilidades de comunicação, integração social e acesso à cidadania. A língua torna-se, assim, instrumento de reconstrução de vínculos, pertencimentos e trajetórias, favorecendo a participação social, o acesso a direitos e a inserção cultural e profissional dos migrantes.

A noção de Língua de Acolhimento também evidencia o caráter emocional e subjetivo presente no processo de aprendizagem. Muitos migrantes chegam ao novo território em situações de vulnerabilidade, marcadas por inseguranças, incertezas e rupturas afetivas. Não raramente, o contato inicial com a nova língua e com a sociedade acolhedora é permeado por tensões e dificuldades de adaptação. Por isso, o acolhimento linguístico deve ser compreendido como prática humanizada, intercultural e sensível às trajetórias individuais dos sujeitos migrantes.

Embora o acesso à Língua Portuguesa não garanta, por si só, o pleno exercício da cidadania, ele constitui uma etapa simbólica e estratégica para a inserção social e para o fortale-



cimento da autonomia dos migrantes e refugiados. Ainda há uma grande lacuna no que se refere às políticas públicas voltadas ao ensino de Português como Língua de Acolhimento no Brasil, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Em muitos contextos, permanecem insuficientes as ações institucionais destinadas à inserção linguística plena dessas populações, o que evidencia a necessidade de políticas linguísticas estruturadas e contínuas.

Também é necessário reconhecer que muitos migrantes provenientes de países africanos, latino-americanos e asiáticos enfrentam processos de marginalização e discriminação que impactam diretamente sua autoestima, suas relações sociais e a própria aprendizagem da língua portuguesa. Questões linguísticas e extralinguísticas, portanto, precisam ser consideradas conjuntamente para que o acolhimento não reproduza mecanismos de exclusão social.

Ao refletirmos sobre os processos migratórios contemporâneos, torna-se igualmente necessário compreender o território não apenas como espaço físico, mas como construção social, política e simbólica. Nesse sentido, a apropriação da nova língua pode favorecer processos de reterritorialização, permitindo que os sujeitos reconstruam pertencimentos, ampliem sua autonomia e se reconheçam como participantes ativos da sociedade que os acolhe.

É nesse contexto que esta obra se insere, propondo não apenas reflexões acadêmicas sobre migração, acolhimento linguístico, cidadania e reterritorialização, mas, sobretudo, a valorização das vozes e experiências daqueles que vivem cotidianamente os desafios e as possibilidades do des-



locamento humano contemporâneo. Para além dos deslocamentos geográficos, migrar significa reconstruir a vida em meio a rupturas, desafios, expectativas e esperanças. Este livro, dedicado às narrativas de migrantes internacionais no estado de Mato Grosso do Sul, nasce justamente desse compromisso com a escuta sensível das experiências humanas e com o reconhecimento do protagonismo daqueles que, ao atravessarem fronteiras, também constroem novas formas de pertencimento.

A relevância desta obra reside justamente na centralidade das narrativas dos próprios migrantes. Mais do que objetos de estudo, os autores tornam-se sujeitos ativos na produção de conhecimento sobre os processos migratórios contemporâneos. Suas memórias revelam aspectos fundamentais para a compreensão dos fluxos migratórios internacionais e para a reflexão sobre políticas públicas, acolhimento institucional, inclusão social e desenvolvimento de dispositivos legais capazes de assegurar maior proteção e dignidade às pessoas migrantes em nosso país.

Mato Grosso do Sul ocupa uma posição singular nesse cenário. Estado fronteiro e historicamente marcado pela circulação de pessoas e culturas, o território sul-mato-grossense tornou-se espaço de encontros, trocas e reconstruções identitárias. Nesse contexto, as narrativas reunidas neste livro revelam não apenas experiências individuais, mas também os múltiplos sentidos das migrações internacionais em uma região profundamente atravessada pela diversidade cultural.

As vozes que compõem esta obra testemunham coragem, resistência e esperança diante do desconhecido. Muitos



partiram em busca de melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, formação acadêmica ou segurança para suas famílias. Em comum, encontram-se os desafios da partida, as barreiras linguísticas e culturais e a força necessária para reconstruir trajetórias em um novo país.

Mais do que um registro acadêmico, este livro constitui um espaço de memória, escuta e reconhecimento. Ao permitir que migrantes internacionais contem suas próprias histórias, a obra contribui para romper estereótipos e humanizar os debates sobre migração, evidenciando que cada deslocamento carrega consigo sonhos, afetos, dores, resistências e projetos de futuro.

Que estas páginas possam sensibilizar leitores e leitoras para a importância do acolhimento, da empatia e da defesa incondicional da dignidade humana. Em tempos marcados por intensos fluxos migratórios em escala global, ouvir as vozes daqueles que atravessam fronteiras torna-se um exercício indispensável para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e solidárias.

O crescimento dos fluxos migratórios no Brasil impõe novos desafios à sociedade, às instituições e, especialmente, aos pesquisadores e profissionais envolvidos com o ensino de línguas. Refletir sobre migração, acolhimento e cidadania exige compromisso ético, sensibilidade social e disposição para construir práticas pedagógicas e políticas públicas mais inclusivas.

Embora as experiências e narrativas reunidas nesta obra evidenciem a relação direta entre o acesso à Língua Portuguesa e os processos de inserção social dos migrantes inter-



nacionais, ainda são necessários maiores investimentos em políticas linguísticas, programas de acolhimento e formação de profissionais preparados para atuar nesse contexto. O fortalecimento de ações institucionais, acadêmicas e governamentais torna-se indispensável para que o Brasil possa consolidar-se, de fato, como um país acolhedor.

Que esta longa caminhada em busca de paz, pertencimento, dignidade e realizações pessoais continue sendo iluminada pela esperança, pela coragem e pela capacidade humana de reinventar a vida mesmo diante das adversidades.

Recebam, destas páginas, um fraterno abraço da nossa família do mundo todo!

**João Fábio Sanches Silva** 

Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Coordenador Geral do Programa UEMS ACOLHE



## INTRODUÇÃO

*O que lembro, tenho.*<sup>1</sup>

**E**sta obra memorialista materializa um dos resultados alcançados no pós-doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS), na área de concentração em Literatura, Estudos Comparados e Interartes, consolidando os objetivos incluídos no estudo intitulado “Narrativas de pertencimento: ecocrítica e o (des)enraizamento de memórias de migrantes internacionais”.

O *Global Appeal 2025* (Relatório Global da ONU Migração) destaca que “a migração é tão antiga quanto a própria humanidade. Ao longo da história, as pessoas migraram em busca de uma vida melhor, para fugir de conflitos ou em busca de segurança, ou simplesmente para encontrar novas oportunidades” (IOM, 2024, p. 14). Vale lembrar os deslocamentos

<sup>1</sup> *Grande sertão: veredas* (Rosa, 2021, p. 171).



motivados por questões climáticas extremas, os quais revelam as faces de uma política de desigualdades sociais que culminam no racismo ambiental, sendo uma forma de exclusão de grupos humanos que vivem em locais que desafiam a própria condição de manutenção de uma vida digna. Sob esta perspectiva, o racismo ambiental constitui uma das correntes teóricas da ecocrítica.<sup>2</sup> Conforme Achille Mbembe, “nos dias de hoje, a capacidade de se movimentar se tornou uma das condições de sobrevivência. Como a própria vida, mover-se envolve cruzar linhas e barreiras” (Mbembe, 2025a, p. 152). Cada partida, cada deslocamento, forçado ou não, carrega consigo heranças culturais dos familiares, dos amigos e do ambiente, com todos os seus elementos únicos que marcarão toda uma trajetória de vida. Aleida Assmann nos ensina que “definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos. A reformulação da identidade sempre significa também reorganização da memória, o que também vale, como bem sabemos, para a comunidade e não menos para indivíduos”. Nesse contexto de memória, imerso na cultura de cada migrante, autores da própria história, nasceu este livro, repleto de ensinamentos que remetem a perspectivas de vida em evolução em um novo lugar, inscrito com traços marcantes de memória, cultura e resistência.

Como proposta de trabalho, esta pesquisa dá continuidade aos estudos desenvolvidos na tese “A poética ecológica em

---

<sup>2</sup> A ecocrítica se concentra nas dimensões ambientais por meio de formas de expressão literária e artística, a fim de melhor sensibilizar e compreender temas relacionados ao interesse ambiental [...]. É necessário mais que isso: refletir criticamente e adotar uma postura que leve à sensibilização é fundamental para o reconhecimento de que toda a pressão antrópica sobre o ambiente também impacta a diversidade biológica, interfere no modo de vida das comunidades humanas e perpassa pelo viés social e de interesse político (Melo; Guida, 2025, p. 73).



obras de Mia Couto”, defendida no PPGEL/UFMS (2021-2025), a qual originou a obra *Ecocrítica: a poética ecológica em Mia Couto* (Melo; Guida, 2025), ampliando a análise da ecocrítica e da memória para o campo dos estudos migratórios contemporâneos.

Em parceria com o UEMS Acolhe – Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes Internacionais, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, os trabalhos de extensão universitária foram conduzidos com turmas de migrantes matriculados no programa, durante os ciclos do segundo semestre de 2025 e do primeiro semestre de 2026, por meio de encontros semanais.

O estudo foi conduzido em conformidade com os pareceres do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP/UFMS (CAAE 91970725.3.0000.0021) e do Comitê de Ética com Seres Humanos CESH/UEMS (CAAE 91970725.3.3001.8030). Para a participação, foi apresentado, detalhado aos colaboradores e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando-se o anonimato, a proteção de dados sensíveis e o sigilo das narrativas aqui registradas.

O estabelecimento das relações de pesquisa, integradas às atividades curriculares dos migrantes, foi fundamental para a estruturação desta obra e para reforçar a importância do protagonismo dos autores migrantes internacionais no contexto de suas memórias. Nesse ambiente de interação, estabeleceu-se uma relação pautada na ética, no respeito e, sobretudo, na confiança, no tocante às narrativas compartilhadas sobre o processo de migração para o Brasil, as quais incluíram as expectativas por uma vida melhor. Gaia Vince sinaliza que “conexões sociais criam sinergia, permitindo que



grupos organizados atuem em conjunto, realizem coisas que um grupo desconectado não conseguiria. A migração depende de redes de cooperação para superar desafios complexos” (Vince, 2025, p. 78). É nesse contexto de trocas de experiências entre culturas de migrantes de diversas nações que reside a importância do UEMS Acolhe com ações voltadas ao acolhimento linguístico.

A maior relevância desta obra reside nas contribuições dos autores migrantes e no quanto suas memórias se revelam fundamentais para a tomada de decisões políticas em razão dos fluxos migratórios, incluindo os desafios voltados ao acolhimento e ao desenvolvimento de dispositivos legais que melhor amparem os migrantes internacionais em nosso país.

As vozes inspiradoras que compõem este livro não apenas comunicam relatos de vida, mas também a força e os ecos de resistência diante do enfrentamento do desconhecido, que inclui a busca por novas trajetórias, distantes de familiares, amigos e das culturas pujantes de seus países de origem. Decerto, muitos partiram por motivos estritamente pessoais, enquanto outros deixaram seus lugares em busca de novas oportunidades de trabalho e de melhorias nas condições de vida no Brasil, onde se sentem acolhidos.

As narrativas “Vozes de migrantes internacionais” foram organizadas a partir dos relatos de experiências dos autores migrantes internacionais. Esta seção do livro é composta por histórias de vida, de superação e pelos desafios encontrados no processo de migração para o Brasil.

Em “Fé, coragem e resistência”, a boliviana Maria Flores descreve sua partida da Bolívia, motivada por questões



peçoais e pela busca de oportunidades de emprego em São Paulo. Ao chegar à capital paulista, sua única opção foi a de trabalhar em condições análogas à escravidão na indústria de confecção de roupas.

A timorense Bella Guterres apresenta em “Entre as graças de Deus: a missão de transformação de uma família timorense” sua trajetória de vida e de ensinamentos pautados na fé e na educação, em um momento no qual Timor-Leste, uma jovem nação, se encontra em pleno desenvolvimento. Os momentos de guerra ficaram para trás, e as recordações vêm à mente em forma de superação, força e resistência.

Em “Uma herança espiritual para toda a vida”, a cubana Mujer Valiente resgata suas memórias de uma época difícil, marcada por questões políticas em Cuba. A autora evidencia aspectos relacionados às condições climáticas extremas e seus reflexos na população local.

A boliviana Nena Uwo, em “Por amor às filhas”, retrata momentos de sua infância na Bolívia e todo o esforço e dedicação voltados à boa educação e ao sucesso profissional de suas filhas. A chegada ao Brasil marca um novo momento em busca de realização pessoal e profissional.

Em “Uma jovem dedicada à formação”, a haitiana Marie Jezou retrata a esperança e o desejo de se tornar uma referência em seu país por meio dos seus esforços e estudos no Brasil.

A venezuelana Anghely Juliett Contreras, em “Reconstruindo a vida: uma história de superação”, revela uma trajetória de determinação diante da crise econômica e política vivenciada em seu país.



“No horizonte da língua portuguesa”, o timorense Lautem lliomar revela que migrou para o Brasil para conquistar o doutorado. Consigo, trouxe a família para que todos pudessem aprender o português do Brasil.

Abdu Alhausawi é saudita e suas memórias “Haussás: movimentos migratórios” remetem ao contexto histórico dos povos hauassás, da Nigéria, uma etnia marcada por trajetórias migratórias.

Em “Migração, resistência e integração cultural no Brasil”, com muitos desafios, o venezuelano Pedro Aza, aos poucos, vai se consolidando profissionalmente em sua nova jornada de busca pelo conhecimento.

Em “A natureza e a cultura haitiana”, a haitiana Yvrose Desir reveste-se de camadas de resistência e raízes ancestrais que moldaram o país, enquanto eventos climáticos extremos transformam a paisagem.

O marroquino Abdellah Ali saúda Marrocos em “Herança cultural e familiar”, e suas memórias se conectam à cultura e aos princípios basilares da família, que influenciaram quem ele é hoje.

Em “Ao filho querido”, a boliviana Lili Roça expressa todo o carinho e a sensibilidade da família ao migrar para o Brasil em busca de tratamento para o seu filho.

No transcurso de sua história de migração, “Uma camba do oriente boliviano”, a boliviana Julia Rojas compartilha sua trajetória de recomeço no Brasil, destacando a importância do acolhimento linguístico, o orgulho de suas raízes e as lembranças da natureza de sua terra.



Em “Uma longa travessia”, a narrativa do colombiano Alejandro Gonzalez inscreve-se nas paisagens colombianas, equatorianas, peruanas e bolivianas, transcendendo-as até se encerrar no Pantanal brasileiro.

O palestino Ahmed Mansour, em suas memórias, “Encontro com a paz”, traduz sua essência familiar de hospitalidade e a calma em que vivia antes da guerra.

Em “Lições para toda uma vida” o venezuelano Luís Bracho carrega consigo os ensinamentos de suas raízes familiares.

A haitiana Kathia Jean, em “Desafios linguísticos”, encontrou no UEMS Acolhe a oportunidade de conhecer pessoas na mesma situação linguística, contribuindo para reduzir os sentimentos de isolamento.

Em “O mar do Caribe venezuelano”, a venezuelana Sol del Mar transborda sentimentos de apego à natureza e à cultura do seu país e relata sua longa jornada de bicicleta, cruzando países, para chegar ao Brasil.


Sanite Destin, em “Uma poliglota visionária”, é uma haitiana multiprofissional, com foco em crescimento e realização pessoal.

A respeito da migração como saída para a crise que vivenciamos, causada principalmente por mudanças climáticas extremas, Gaia Vince, em *O século nômade: como a migração climática transformará o mundo*, esclarece que “a migração nos forjou. [...] A migração humana criou fundamentalmente o sistema do qual todos nós fazemos parte hoje” (Vince, 2025, p. 63).



Em um contexto delineado por diversas nuances que motivaram o processo migratório para o Brasil, em suas travessias, os migrantes internacionais assistidos pelo programa buscam acolhimento em uma terra de oportunidades, propícia à realização de sonhos. Rumam para o desconhecido e enfrentam desafios em busca de paz e recomeço. Esses migrantes carregam consigo suas histórias de superação e compartilham suas memórias, pois "*prestar testemunho é considerado uma responsabilidade humana.*"<sup>3</sup>

Desejamos uma leitura sensível e acolhedora,

**Gleudson Melo** 

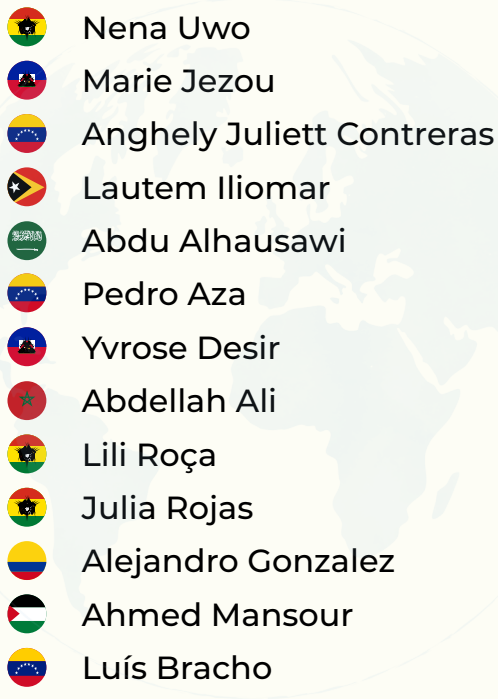










**Angela Guida** 

---

<sup>3</sup> *Democracia como uma comunidade de vida* (Mbembe, 2025b, p. 35).



# VOZES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS

- 
-  Maria Flores
  -  Bella Guterres
  -  Mujer Valiente
  -  Nena Uwo
  -  Marie Jezou
  -  Anghely Juliett Contreras
  -  Lautem Iliomar
  -  Abdu Alhausawi
  -  Pedro Aza
  -  Yvrose Desir
  -  Abdellah Ali
  -  Lili Roça
  -  Julia Rojas
  -  Alejandro Gonzalez
  -  Ahmed Mansour
  -  Luís Bracho
  -  Kathia Jean
  -  Sol del Mar
  -  Sanite Destin

## Fé, coragem e resistência



Maria Flores

*Eu sou empregada doméstica, não tenho vergonha. Eu quero estudar, aprender, mudar de vida e ser enfermeira.*

**S**ou boliviana e deixei o meu país por motivo de uma decepção. Há muitos anos parti de olhos fechados, para conhecer e trabalhar, pois não tenho parentes no Brasil. Eu preferi sair do país para fazer uma vida nova e não me lembrar de uma pessoa. Mas não foi assim como todos pensam. Ao chegar a São Paulo, fui submetida a condições muito parecidas com a escravidão, pois houve muito sofrimento, tendo que trabalhar por quase um ano sem ganhar nada naquele lugar.

O próprio boliviano que estava lá escravizava. O trabalho em confecções de roupas naquelas circunstâncias não foi nada fácil. Isto é muito triste. Após um ano de sofrimento, fixei minha residência em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, onde busco a realização dos meus sonhos.



Desde os 8 anos de idade, ainda criança, trabalhava como empregada doméstica na Bolívia. A vida não foi fácil. Eu trabalho, cozinho, gosto de limpar, passar roupas e de tudo que é da casa, porque tenho muita coragem. Quando, nos finais de semana, me convidarem: “Maria, você pode trabalhar no domingo?” Eu irei. “E nos feriados?” Também irei trabalhar.

Como sempre disse às minhas amigas, as colegas de aula:

– Eu sempre estarei lá.

Não posso responder, e isso eu não consigo dizer:

– Não, é domingo... É feriado... Não irei trabalhar.

Quando se trabalha desde criança, não existe falta de vontade, porque a mão já está acostumada. Não é fácil, mas também não é impossível. Tem sido muito difícil conciliar o trabalho com o estudo. A oportunidade de estudar surgiu a partir de uma amizade que fiz durante as minhas longas viagens de ônibus, precisamente da divisa de Campo Grande com o município de Terenos até a região do Parque dos Poderes, quando essa amiga perguntou se eu gostaria de estudar. Respondi: “Eu quero”. E ela questionou: “Você quer mesmo?” Então, eu falei:

– Eu quero estudar.

Ela insistiu:

– Você quer mesmo? E mais uma vez respondi:

– Quero.

– Você não vai dar conta – falou para mim.



Eu respondi:

– Sim, vou dar conta.

Naquele momento, a amiga comentou ser muito cansativo estudar e trabalhar. Mesmo assim, eu fui à escola e fiz a minha matrícula na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Eu achava que não conseguiria, porque sou estrangeira. Mas não foi complicado realizar a matrícula, o que me deixou muito feliz, e o meu sonho é ser enfermeira.

No meu país eu estudei apenas 2 anos quando ainda era uma criança. Portanto, em dois anos não se aprende muita coisa, pois se vai à escola apenas para brincar; no terceiro ano, talvez se aprenda a ler e a escrever, e nada mais além disso. Como a minha mãe nunca entrou em uma escola, para ela esses dois anos já eram bons o suficiente.

Ela comentava:

– Você já sabe ler e sabe escrever, filha. Então, chegou a vez do seu irmão.

E o meu irmão ia à escola. Éramos oito irmãos e morávamos em um sítio. Não, não era fácil a vida naquele lugar. É importante saber que os estudos se resumiam a apenas 3 anos: o Primeiro Ano, o Segundo Ano e o Terceiro na escolinha, e não mais que isso. Para chegarmos à escola tínhamos que caminhar por 4 horas. Somente os meninos conseguiam ir longe. As meninas não podiam seguir o caminho da escola. Não, não podiam! Era assim onde eu nasci.

Então, agora com essa idade, eu estou estudando e sonhando em ser uma enfermeira. Eu sempre digo a todos: so-



nhar não custa nada e você vai chegar lá! Acreditando em si mesmo, você chega lá. Minha vida foi de muito sofrimento, mas eu estou aqui. Deus sempre ajuda.

Eu sempre digo a todos que encontro: não desistam, sempre estudem e sejam fortes.

Ficar longe da família não é nada fácil. Eu tenho minha mãe, 87 anos. Sofro com saudade dela, que está tão distante. Nesse tempo no Brasil, perdi o meu pai para a Covid. Eu não podia viajar porque a fronteira estava fechada. Era proibido. Não vi meu pai e não pude ir ao seu enterro. Eu estou superando tudo isso.

Sejam fortes!



## Entre as graças de Deus: a missão de transformação de uma família timorense



*Com muitos planos em mente, pretendo contribuir com a educação do meu país, porque Timor-Leste é uma nação nova e tem muitos aspectos e condições que precisam ser transformados.*

**V**enho de uma família simples e fui criada por uma mãe solteira extraordinária. Meu irmão e eu nunca conhecemos nosso pai, pois ele foi morto pelo exército indonésio que ocupava Timor-Leste na época, quando meu irmão tinha pouco mais de um ano e eu ainda estava no ventre da minha mãe. Diante dessa situação, acabei sendo criada em uma família muito fiel à tradição católica, graças à devoção da minha mãe e à experiência militar da família, que incutiu em mim e no meu irmão um grande patriotismo.

Sou casada e tenho duas filhas. Nossa família chegou a Campo Grande há, mais ou menos, sete ou oito meses. Chegamos ao Brasil com o propósito de acompanhar o meu esposo, que cursa o doutorado. O meu objetivo é melhorar, com as minhas crianças, a língua portuguesa, que é a língua oficial do meu país. Também procuro oportunidades para



mim, pois pretendo dar continuidade aos meus estudos. Essa é a minha grande missão.

Com muitos planos em mente, pretendo contribuir com o desenvolvimento do meu país, porque Timor-Leste é uma nação nova e tem muitos aspectos e condições que precisam ser transformados. Por este motivo, acredito que a minha família tem responsabilidades para com o desenvolvimento do nosso país. Portanto, essa é uma boa oportunidade para nós, para estudar muito e melhorar o português.

O Brasil é um país independente há mais de 200 anos, rico em cultura, tradições e com muitas diferenças entre as pessoas. É um país com muitas experiências e capacidades. Já nós, timorenses, constituímos uma nova nação que restaurou a independência há 23 anos. Por sermos uma nação nova, é muito importante estudar, particularmente morando em Campo Grande por quatro anos. Nesse período, pretendemos, nas férias, visitar outras cidades para adquirir mais experiências e oportunidades de estudo.

Quanto aos desafios encontrados para chegarmos até aqui, primeiramente destaco a longa distância entre Timor-Leste e o Brasil. Foram cerca de 30 horas de voo, e viajar com crianças de seis e sete anos de idade é muito difícil.

Tivemos que descansar em três países, o tempo era muito curto e a viagem tornou-se muito cansativa, principalmente para as crianças. Essa foi a nossa primeira experiência de uma viagem longa. Também foi preciso ter uma reserva financeira. Para isso, planejamos por aproximadamente quatro ou cinco anos, sempre economizando, pois viajar com a família não é fácil e demanda mais recursos financeiros. Chegamos



a Campo Grande por volta da meia-noite. Tínhamos reservas em um aplicativo de hotelaria, mas não conseguimos chegar a tempo.

Graças a Deus, encontramos uma boa taxista que nos levou a um hotel, onde pudemos descansar. Lá, ficamos por quatro noites. Posteriormente, utilizamos um aplicativo para buscar hospedagens mais em conta e partimos em busca de escola para as crianças. Houve muitos desafios na nossa chegada, mas um dos principais foi o idioma, mesmo para o meu esposo, que estudou em Portugal e fala o básico. Contudo, acredito que o português de Portugal e o do Brasil sejam um pouco diferentes, principalmente no que diz respeito ao sotaque e à pronúncia das palavras. Por conta disso, não foi fácil encontrar alojamento.

Outro desafio foi a compra de *chips* de celular. Quando chegamos à França, por exemplo, apenas compramos o *chip* no aeroporto, inserimos no telefone e tudo funcionou normalmente. Já no Brasil, não foi tão fácil assim, pois exigiram o CPF para o cadastro. O processo foi complicado e levamos cerca de um mês para resolver essas questões. Nesse período, mudamos de um alojamento para outro, o que tornou a estadia muito cara. Por fim, encontramos uma casa para morar por longo prazo. Nesse processo, contamos com muito apoio dos brasileiros, um povo acolhedor. E quando precisamos, sempre estão prontos para ajudar.

Fiz grandes e boas amizades para a nossa família e a taxista foi uma delas. Ela nos auxiliou a encontrar hospedagem, escola para as crianças e nas compras; ela sempre está presente. Os colegas e professores da universidade do meu



marido também nos dão suporte. Foi com esse apoio que conseguimos alugar uma casa por um longo prazo. A maior oportunidade que tenho aqui é frequentar o curso de português ofertado pelo UEMS Acolhe. Estou muito contente.

Deus é sempre o número um. Quando enfrento dificuldades, o que sempre faço é recorrer a Deus, à devoção católica que minha mãe me inculcou desde a infância, à Sagrada Eucaristia e à Novena, para que eu me sinta mais confortável ao atravessar o processo difícil e tenha certeza de que Deus tem todas as soluções para as dificuldades que enfrentamos.

Sobre as primeiras memórias que vêm à mente quando penso na minha origem, lembro-me de tudo sobre o meu país. Penso muito na minha família, nas amigas e, especificamente, no trabalho. Trabalhei por quase quinze ou dezesseis anos e, agora, fico muito em casa, voltada para o serviço doméstico. Se comparado ao passado, quando eu era uma mulher de carreira, a adaptação é um pouco difícil. No entanto, encaro isso também como uma missão: a missão de ser mãe e esposa. Vejo como uma boa oportunidade e acredito que seja um bom plano de Deus.

Em relação aos elementos da natureza e da cultura do meu país, para mim e para a minha família, considero Deus em primeiro lugar. Acredito que o mais importante para as nossas crianças e para a nossa família é a vida espiritual. No meu caso específico, sempre me fundamentei na fé. Somente depois disso vêm a educação e as demais coisas.

Quanto ao clima e às mudanças climáticas, notei muita diferença entre a minha infância e os dias atuais. Quando criança, morava em uma região, um posto administrativo, e,



quando passei para o 12º Ano, mudei-me para a capital em busca de uma educação de qualidade. Mais tarde, fui estudar em outro país. Com as mudanças climáticas, sentimos que a vida é afetada.

Em segundo lugar, meu pai, que é um dos heróis do nosso amado país, inspirou e incutiu em mim e na minha família um senso de patriotismo em nossas atividades diárias. Essa situação obrigou a minha mãe a ser muito devota a Deus. Era tempo de guerra e, naquele período, a situação era muito difícil. Se a minha mãe não fosse devota a Deus naquela época, acredito que todos nós teríamos morrido. Toda essa devoção influenciou a minha vida e, agora, me esforço para que a minha família seja transformada. Acredito que a situação agora é diferente para as minhas filhas.

No meu tempo, o acesso à escola e à comida não era fácil, porque era época de guerra, conflitos e de perseguição à minha família. Graças a Deus, em 1999, após o referendo, o país tornou-se independente. A partir da independência de Timor-Leste, as oportunidades se abriram. Fui abençoada por continuar o meu bacharelado na Indonésia. Posteriormente, depois de finalizar os meus estudos, surgiram muitas oportunidades de trabalho. A vida tornou-se muito mais fácil e tranquila.

Tudo para mim é graça de Deus. Toda essa trajetória influenciou a minha vida e a da minha família.



## Uma herança espiritual para toda a vida



*Penso que não lhe disse o quanto o amava e o quão grata sou por tudo o que me deu: não bens materiais, mas uma herança espiritual.*

**N**asci em 1969, em Cuba, na capital, Centro-Havana. Meus pais eram ambos Testemunhas de Jeová. Digo isso porque já não vivem mais; depois comento sobre o assunto. Sempre fui uma menina muito inquieta; aos seis anos, comecei na escola, na Primeira Série.

O primeiro mês foi terrível: chorava todos os dias quando minha mãe me deixava lá. Naquele lugar ocorreu um fato que marcou minha vida, o qual nunca esquecerei enquanto viver. A escola era muito grande e ainda funciona como tal.

No pátio, todos os dias, realizava-se o matutino. Ao redor, havia bancos de mármore. Diariamente, escolhiam duas crianças para que subissem e segurassem a bandeira em cada extremidade, enquanto liam-se as efemérides e outras informações.



As crianças, da Primeira à Sexta Série, alinhavam-se em fila para ouvir o que era dito; depois, entravam nas salas de aula. Um dia, a diretora parou na minha frente e disse:

– Hoje você vai segurar a bandeira.

Movi a cabeça em gesto negativo. Ela me segurou com força pelo braço e me arrastou até o banco. Entre gritos e choro, eu dizia que era Testemunha de Jeová. Penso, hoje em dia, que alguns daquela época talvez se lembrem desse ocorrido. Depois disso, não sei o que aconteceu com ela; só sei que não a vi mais.

Nessa época, meus pais se separaram. Minha mãe não quis continuar com ele, mudou-me para outra escola e para outra casa, e me obrigou a usar o lenço de pioneira. Aquilo foi muito traumático, porque me sentia dividida entre o que havia aprendido e a obrigação de fazer o que ela havia escolhido. Com o divórcio, nos fins de semana, de sexta a domingo, meu pai me levava para a casa de meus avós, onde ele morava. Lá, continuava a me ensinar a Bíblia: estudávamos o livro *Do Paraíso Perdido ao Paraíso Recuperado* e eu assistia às reuniões. Visitávamos a família e ele me levava para passear, perguntando:

– Aonde quer ir?

Ou sugeria algum lugar novo. Sempre foi muito equilibrado e amoroso; nunca me obrigou. Ele pôs em prática o que diz Provérbios 22:6: *“Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará Dele”*.

Quando passei para a Sexta Série, não me lembro da razão pela qual minha mãe me mudou novamente para a mi-



nha primeira escola, chamada Quintín Bandera. Lá, conheci uma menina e nos tornamos muito amigas. Éramos como café com leite: ela negra e eu branca, que, ao se unirem, fazem uma agradável combinação.

Eu nunca deixei de falar daquilo que o meu pai havia me ensinado, de modo que trocávamos ideias. Ao terminar o ano letivo, nos separamos: eu fui para outra escola e ela para uma escola de esportes, pois se preparava para o atletismo. Nos reuníamos quando podíamos, já que ela era bolsista. Depois, não soube mais dela. Anos mais tarde, nos encontramos de novo e ela me contou que havia ganhado uma medalha no atletismo, mas que isso lhe tomava muito tempo e que não havia esquecido as coisas que aprendera. Deixou a carreira no atletismo para servir a Jeová. Isso me deu muita alegria. Hoje, ela vive na Espanha.

Assim passou o tempo. A vida era insuportável ao lado de minha mãe, que se casou novamente, teve uma menina e, depois, um menino. Meu pai também se casou oito anos depois; nesse tempo, compartilhamos tudo o que contei anteriormente. Ele também teve dois filhos homens, que servem a Jeová hoje em dia.

Já com 14 anos, decidi ir morar com meu pai e meus avós; já era livre para escolher e estava na Nona Série. Não usei mais o lenço, declarando publicamente na escola que não era pioneira. Minha colega de carteira se interessou pela Bíblia, e a professora, com palavras intimidantes, me disse que eu não podia falar da Bíblia e que daria parte à polícia para prender meu pai. As pessoas estavam muito relutantes; desde o ano de 1975, o Estado havia fechado os Salões do Reino em todo o país e, com os anos, essa forma de pensar se



intensificou. Só podíamos nos reunir em casas particulares. Meus avós permitiam que se reunissem apenas oito irmãos para não chamar a atenção, e entrava-se um por um.

Não havia publicações: tudo era datilografado com papel carbono. A terceira folha era difícil de ler; eu a revisava para meu pai e completava as palavras que não estavam legíveis, para que assim ele pudesse se preparar para a reunião.

Nesses anos, muitos foram presos. Entre eles, tenho um primo que passou três anos detido por não prestar o serviço militar obrigatório. Muitos irmãos, ao saírem da prisão, estavam muito doentes. Um, muito chegado a mim, perdeu a visão; ele me contou que foi imobilizado enquanto uma gota de água caía continuamente em sua cabeça. Foi muito difícil, e penso: quantas coisas mais terão acontecido que não se sabem?

Quando terminei a Nona Série, por ser Testemunha de Jeová, não tínhamos direito a seguir carreira nem a estudar mais. Aprendi a bordar e a trabalhar como empregada doméstica em casas de família.

Aos 19 anos, me casei com alguém que não era Testemunha, desobedecendo ao princípio de casar-se “somente no Senhor”. No início é muito bonito, mas depois se compara a quando te dão, em uma colher, a ponta de mel e o restante tão amargo como o absinto.

Tive meu primeiro filho e dei-lhe o nome de seu pai. Pouco a pouco, ensinei-lhe as verdades. Aos 11 anos, ele já era publicador. Nasceu meu segundo filho. Neles, repetiu-se a minha história, a qual eu tanto odiava e que eu mesma havia



provocado ao tomar más decisões: a divisão de ensinamentos em casa.

Meu segundo filho, aos sete anos, não queria ser pioneiro e disse isso ao pai; já com oito anos, tornou-se publicador. Eu pensava que, naquela época, a oposição às Testemunhas de Jeová fosse menos tensa, mas, na Quarta Série, ele foi obrigado várias vezes a saudar a bandeira. Isso provocou nele rejeição à escola; teve que ir ao psicólogo, e a doutora sugeriu que o mudasse de colégio. Depois, tudo seguiu melhor.

Hoje em dia, ele não é Testemunha. A Bíblia nos ensina a sê-lo, mas, se não o formos, que sejamos bons cidadãos; e ele é um bom filho. Sempre guardarei em meu coração a esperança de que volte.

Meu filho mais velho, parecido comigo, teve seus contratempos, mas serve a Jeová. Eclesiastes 7:8 nos diz que *é melhor o fim de um assunto do que o princípio*.

Depois de 20 anos de casada, divorciei-me por adultério. Quatro anos depois, casei-me novamente, com uma Testemunha. Já estou casada há dez anos; a realidade é que desobedecer a Jeová não dá bons resultados.

No início, falei sobre a perda de meus pais. Ele, aos 77 anos, adoeceu de repente e viveu apenas mais um mês e poucos dias; detectaram um câncer terminal. Com o tempo, entende-se que foi o melhor, para que ele não sofresse tanto – nem ele, nem a família, nem eu. Ele foi um pai exemplar, silencioso, com ações amorosas. Quando adoeceu, eu não estava preparada. Foi devastador; eu não parava de chorar. Não conseguia nem pregar. Passava pelos parques onde costumava vê-lo, buscava-o com os olhos, e minha mente dizia



que ele já não estava lá. Penso que não lhe disse o quanto o amava e o quão grata sou por tudo o que me deu: não bens materiais, mas uma herança espiritual.

Por isso, enquanto seus entes queridos estiverem vivos, digam-lhes o quanto os amam. Os bons exemplos aliviam essa dor quando eles já não estão. Hoje, vivo mais tranquila porque sei que ele está na memória de Jeová.

Depois disso, minha mãe e eu começamos a melhorar nosso relacionamento. Ela passou a me contar as coisas pelas quais havia passado quando era Testemunha e quando eu era pequena. Como não havia publicações, ela datilografava toda a informação para a reunião, fazia uma saia bem ampla com bolsos por dentro e, assim, podia transportar toda a informação sem chamar a atenção da polícia ao sair à rua.

Aos 67 anos, ela assistia às reuniões, após 42 anos de ter deixado a Jeová. Começou a fazer mudanças em sua vida, deixou o cigarro e restabeleceu sua relação com Deus, a quem havia dado as costas. Depois de um tempo, detectaram um câncer incurável; ela resistiu por cinco meses. Minha irmã e eu nos esforçamos para que ela passasse esse tempo o melhor possível. Ao completar 69 anos, ela faleceu. A cada dia me esforço para ser melhor e alcançar a vida que realmente é vida, não esta. Se quiser saber qual é essa vida, pode buscar em Isaías 65:20-24; essa é a vida que quero para mim e para todas as pessoas a quem falo de Jeová.

Na verdade, desde que tinha oito anos de idade, queria fugir do meu país; porém, quando estamos com os nossos pais, eles não querem ir. E você deve estar se perguntando:



– O que sabe uma criança ao querer fugir do seu país?

Sempre escutava na escola outras crianças falando de familiares que vinham de outros países com muitas coisas bonitas. Assim como eu, muitas crianças não tinham essas possibilidades, então sempre queríamos fugir. Sempre vivi com a esperança de que, em algum momento, eu iria embora.

Foram muitos desafios para chegar ao Brasil. Para mim, nenhuma pessoa consegue se deslocar sozinha, ainda que venha pelas mesmas rotas. Nenhum grupo de pessoas passa pelas mesmas condições, pois quem faz as escolhas é o “coiote”, para transportar você.

Para mim, foi uma aventura: ora de avião, depois em um carro e avião novamente; em seguida, um percurso de barco e depois outro barco. Foi quando o carro foi embarcado em um *ferry-boat*. Assim, vivi como uma aventura.

Não vou negar: quando estávamos preparando a viagem, ao ver no mapa a distância, eu senti muito medo. Em seguida, falei com o meu filho:

– Olha o quão longe é! E ele respondeu:

– Mãe, não tenha medo. Tudo vai dar certo.

Foi como se Jeová me dissesse: “Não tenha medo, tudo vai dar certo”. E tudo foi muito bem. As pessoas que sempre estavam nos esperando, desde quando saímos de Cuba e chegamos ao Suriname, nos receberam muito bem. Sente-se uma mudança de ar: a educação e as coisas são muito diferentes. O cubano vive angustiado e em um desespero. Vocês precisam viver como um cubano para poder entender.



Eu falo às vezes que o brasileiro se deprime mesmo não tendo muitas necessidades. Digo que eles têm que passar férias em Cuba, sem dinheiro, porque se um brasileiro vai a Cuba com dinheiro, passa um pouquinho de trabalho, mas não como vive o cubano. O cubano está preparado e, se for para uma ilha, sobrevive sozinho; eu digo isso com certeza. Se for a uma competição de sobrevivência em uma ilha, ele sobrevive. O cubano sobrevive a tudo, pois sabe viver com pouco e, às vezes, até sem nada, reinventando-se a cada dia.

Quando cheguei aqui ao Brasil, desde que entrei pelo Suriname, notou-se a mudança quanto à limpeza e à educação: uma mudança total, e eu gosto disso. Aqui há muitas árvores e vivemos com pouco estresse. Isto é uma verdade.

Quando estou um pouco triste, tenho boas lembranças de Cuba: da minha casa e do Malecón Habanero. São 14 ruas que descíamos e percebíamos o frescor que vinha do mar, e isso nos deixava mais tranquilos. Quando chegávamos lá, sentávamo-nos em um muro de cimento e observávamos as ondas se chocarem nas pedras e respingarem no rosto e no corpo. Você se sente aliviado: o frescor, ver os pássaros e os homens pescando peixes. Contemplar o pôr do sol e ver como o sol se esconde é muito reconfortante. É tudo muito lindo, mas não podemos ter todas as coisas.

Aqui no Brasil, pode-se viver devagar. Não é como em Cuba, onde as pessoas, desde quando se levantam até se deitarem, levam uma vida muito agitada e não se tem tempo para pensar em mais nada. É como se vive hoje em dia em Cuba: deixamos de ser o que éramos. Foi uma mudança total em relação ao local onde fomos criados. Por isso, ao entrar



no Brasil, fazemos como se faz em um celular quando está com problemas: reiniciamos. Desde que saí de Cuba, comecei a reiniciar a minha mente, porque disse a mim mesma que aqui é uma vida nova, com mentalidade nova. É como estar se desintoxicando da forma como se vive lá. A gente não tem por que seguir vivendo como se vive lá. Aqui é diferente e vamos aprendendo como se vive aqui.

O clima daqui é muito agradável, pois o calor e o frio são secos. Onde nasci, essa é a temporada de ciclones. Sempre, de alguma forma, afeta alguma parte de Cuba, seja pela parte principal ou pelas partes orientais. Ao cair chuva, sempre afeta todo o país por completo. Aqui onde vivo, nos sentimos mais protegidos, porque sabemos que é o momento para chover, e não vai cair um pedaço de casa em cima de nós. Em Cuba, não podemos caminhar no Centro de Havana com segurança, porque as casas estão em mau estado e sempre ocorrem desabamentos de paredes e tetos. Assim, vive-se com muito temor.

Lembro que, quando entrei no Brasil, caminhava sempre pelo canto da rua, e o meu filho me falava:

– Mãe, aqui não caem os edifícios.

Hoje, podemos caminhar e apenas tomar cuidado com os carros. Sei que não vão cair as edificações, como tantas que caíram e mataram pessoas em Cuba. Vivo aqui em segurança e respeito isso.



## Por amor às filhas



Nena Uwo

*Sempre buscamos novas oportunidades e Deus nunca desampara.*

**N**asci em uma cidade muito linda e acolhedora da Bolívia. Sou filha de mãe solteira. Ela engravidou quando tinha apenas 19 anos, ainda no último ano da escola.

Meu pai era jogador de futebol e, quando nasci, ele me reconheceu e me deu o seu sobrenome, mas senti muito a sua ausência, o que marcou a minha vida. A minha mãe trabalhou desde jovem. Vivíamos com a minha avó e ela ajudou a me criar até o seu falecimento.

Minha mãe se casou quando eu tinha 4 anos e, desde esse momento, vivi com ela e o meu padrasto. Morávamos na casa da minha avó e, aos 10 anos de idade, fomos morar em nossa casa própria. No último ano da escola, namorei uma pessoa 16 anos mais velha que eu. Ele era bom, e eu me casei sem pensar, porque estava apaixonada, mas o que eu queria



mesmo era sair de casa. O meu marido, embora fosse bom, era muito ciumento. Eu o amava muito e achava que ele também me amava e cuidava de mim; no entanto, ele não me deixou continuar estudando na universidade, para que eu ficasse cuidando cem por cento das nossas filhas.

Depois, quando elas cresceram, entrei em um curso profissionalizante. Eu gostava, então fiz carreira: atendia amigas e pessoas conhecidas em casa, enquanto minhas filhas estavam na escola. Assim, fui formando a minha clientela.

Quando a minha mãe se separou do meu padrasto, ela vendeu a casa e foi para a Espanha. Ela me deu dinheiro para que eu abrisse o meu negócio, mas emprestei o valor ao meu esposo, porque ele ainda não me deixava trabalhar. Para ele, as filhas precisavam de mim, mesmo já sendo grandes. Depois de um tempo, ele me devolveu o dinheiro, abriu o meu empreendimento e ia muito bem, até que chegou a pandemia de Covid e, depois, me roubaram tudo. Antes disso, a minha filha mais velha se casou e a menor continuou estudando na universidade.

Esperei a minha filha menor terminar a universidade. Quando o meu esposo não pagava a mensalidade, eu tinha que buscar recursos onde quer que fosse para pagar o curso. Foi assim que ela se formou em Medicina. Naquele momento, decidi sair de casa. Morei com uma tia enquanto organizava os papéis para o meu visto *Schengen*, para a Espanha. Pensava em migrar e trabalhar duro para juntar dinheiro e depois voltar para a Bolívia e abrir o meu negócio. Foi quando negaram o meu visto e decidi ir para o Brasil.



Fiquei três meses em São Paulo, em um apartamento de uma amiga do meu pai e só conseguia trabalhos *freelance*, por dia, porque ainda não tinha a documentação de residência. Foram dias difíceis, sem ter o que comer. Ao menos, tinha um teto. O pouco que ganhava era para o meu transporte naquela cidade imensa, buscando trabalho.

Conheci uma senhora no trem, que me deu emprego. Trabalhei muito, porém ela não pagava o que eu merecia e me fazia trabalhar demais. Por mim, não há problema em trabalhar muito, desde que o pagamento seja justo. Aceitei essa condição por um mês e depois tive que voltar à Bolívia, porque ainda estava sem residência.

As aulas de português estão me ajudando bastante a soltar a língua, porque, por mais que eu entenda o idioma, nunca me atrevi a falar. Aqui, no programa UEMS Acolhe, deram-me confiança e muito conhecimento para seguir aprendendo a falar. Agradeço enormemente essa oportunidade, porque agora estou sem emprego fixo, apenas confeccionando panos de prato para vender e me sustentar. Com Deus à frente, logo terei um trabalho melhor.

Obrigada, BRASIL, pelas oportunidades que põe no meu caminho: saberei aproveitá-las muito bem. Nunca pensei que migrar fosse tão difícil.

Estou com o coração partido pela minha filha mais velha, que vive na Bolívia, pela minha mãe, meus irmãos... enfim, pela família. Sempre buscamos novas oportunidades e Deus nunca desampara.



## Uma jovem dedicada à formação



Marie Jezou

*Minha vida é cheia de experiências, desafios e sonhos. Apesar das dificuldades, continuo firme e corajosa. A educação é minha maior força, e meu objetivo é usá-la para promover mudanças positivas para mim, para o meu país e para o mundo.*

**S**ou uma haitiana solteira, tenho 30 anos e não tenho filhos. Sou estudante de mestrado na área de Educação, com especialização em Psicopedagogia. Antes disso, estudei Administração e me especializei em Gestão de Negócios. Também tenho muitas habilidades manuais, difíceis até de listar. Sou professora, tenho uma grande paixão pelo ensino e pela aprendizagem, e sou empreendedora.

Hoje, estou no Brasil para prosseguir com meus estudos e ampliar meus conhecimentos. Para mim, estudar é uma ferramenta que me permite crescer, ajudar outras pessoas e promover mudanças positivas na sociedade.

O UEMS Acolhe tem uma grande importância para mim. Ele é um apoio fundamental que me ajuda a aprender a língua portuguesa. Isso facilita minha integração na universidade e



na vida cotidiana aqui no Brasil. Faz parte das atividades do meu mestrado, e me ajudou a lidar com o estresse; sempre que participo, me sinto melhor do que quando fico em casa.

Quando penso na minha origem, muitas coisas vêm à minha mente. Eu venho do Departamento Norte do Haiti, de uma região rica em cultura, com belas músicas, grandes artistas e bandas. É também um lugar com paisagens turísticas encantadoras, clima agradável, rios, mar, praias e muitos alimentos naturais. Todavia, há etapas da minha vida que me marcaram muito, especialmente nos anos de 2024 e 2025.

Para continuar meus estudos de mestrado no Brasil, investi muito dinheiro. Fiz isso pela educação, porque amo estudar, trabalhar e compartilhar meus sonhos e esforços com outras pessoas, visando a uma mudança positiva para o meu país e para o mundo. Para mim, um educador não tem limites nem fronteiras, pois ele pertence ao mundo. Após todos esses gastos, acabei perdendo dinheiro em diferentes situações nesse mesmo período. Com as dificuldades para obter o visto de estudante, devido à falta de organização estatal no Haiti, a viagem se tornou extremamente difícil.

Houve situações que tentaram me desmotivar. Além disso, roubaram o montante que eu estava juntando para a viagem. Uma empresa aérea local, na cidade de Cap-Haïtien, também se apropriou de minhas economias. Eu havia comprado a passagem online, mas fui obrigada a pagar novamente em espécie, com a promessa de reembolso do valor anterior em alguns dias. Até hoje, esse valor nunca foi devolvido. Aproveito esta oportunidade para chamar a atenção das au-



toridades e da população para o combate a essas práticas desonestas que prejudicam tantas pessoas.

Sempre que me lembro desses momentos, fico muito triste. No entanto, apesar de todas as dificuldades, nunca desisti. Meu sonho é prosseguir nos meus estudos para servir ao meu país e ao mundo, e esse sonho continua vivo dentro de mim.

A natureza tem um lugar muito importante na minha vida. Cresci em um ambiente simples e natural, o que me fez desenvolver um amor profundo pela vida e pelo meio ambiente equilibrado. Na região onde cresci, existem fenômenos naturais como terremotos, mas não tão devastadores quanto o de Porto Príncipe em 2010. Isso mostra que há diferenças entre as regiões. O Haiti é um país pequeno, mas grande em riqueza cultural, com uma culinária natural e medicamentos tradicionais muito valiosos. Infelizmente, existem problemas que tornam algumas regiões difíceis de viver, especialmente por causa da violência e de influências externas. Mesmo assim, o Haiti sempre será o Haiti. Nossa história já mostrou ao mundo a nossa força, e ela continuará brilhando. Apesar das dificuldades, o Haiti não desaparecerá.

Cresci com uma boa educação, tanto familiar quanto escolar, e isso se tornou a minha maior força hoje. As pessoas ao meu redor confiam em mim e me veem como alguém capaz de gerar resultados, especialmente nas áreas intelectual e empresarial. Isso me dá um senso de responsabilidade para continuar trabalhando com empenho e servir de exemplo para outros.



Sou uma pessoa comprometida com a formação de jovens. Já acompanhei estudantes em uma escola profissional por meio de um clube que criei, onde ensinei diferentes ofícios manuais, como culinária, confeitaria, cosmetologia e preparação de produtos úteis para o cotidiano.

Também ensinei em escolas tradicionais. Meu objetivo é continuar avançando sem retroceder e manter meus projetos voltados ao serviço da população. Muitos jovens querem aprender, mas não têm apoio financeiro nem acesso a materiais. Por isso, acredito na importância de oferecer suporte educacional e psicológico para ajudá-los a se desenvolver. Tenho vontade de ajudá-los, mas preciso de apoio para dar continuidade a esse trabalho.

Minha vida é cheia de experiências, desafios e sonhos. Apesar das dificuldades, continuo firme e corajosa. A educação é minha maior força, e meu objetivo é usá-la para promover mudanças positivas para mim, para o meu país e para o mundo.

Eu amo a mim mesma, amo as pessoas e valorizo a colaboração. Sou uma pessoa sábia, respeitosa e tolerante, mas também determinada.

Agradeço ao UEMS Acolhe, que me deu essa oportunidade. Agradeço especialmente ao professor Gleidson.



## Reconstruindo a vida: uma história de superação



Anghely Julieta Contreras

*A experiência como migrante me ensinou a ser resiliente e a encontrar oportunidades em meio às adversidades.*

**C**ompartilho minha experiência como venezuelana no Brasil, destacando os desafios enfrentados, as oportunidades encontradas e as lições aprendidas ao longo do caminho. Como migrante internacional, minha jornada tem sido um verdadeiro desafio.

Deixei meu país natal, a Venezuela, em 2018, aos 44 anos, após enfrentar ameaças e perseguições pelo meu trabalho como advogada. Como profissional do direito, sempre busquei defender a justiça e a lei, o que me colocou em conflito com grupos corruptos e poderosos.

A minha história está muito conectada com o lugar onde nasci e cresci. Na Venezuela, tive contato com paisagens naturais muito bonitas, com rios, montanhas e uma natureza que sempre fez parte da vida das pessoas. Crescer nesse am-



biente me ensinou a respeitar a terra, a valorizar os recursos naturais e a entender que a natureza faz parte da nossa identidade. A cultura também me marcou muito. Na minha família e na minha comunidade, a comida, as histórias e os encontros eram momentos importantes de união. Por meio da comida tradicional e das memórias compartilhadas, aprendemos a valorizar nossas raízes e a nossa história.

Hoje, vivendo em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, percebo que levo comigo essas memórias e valores. Aqui, também encontro uma forte relação entre natureza, cultura e alimentação, principalmente pela proximidade com o Pantanal. Essa experiência fortaleceu ainda mais o meu interesse pelo turismo gastronômico, porque acredito que a comida carrega histórias, afetos e identidade cultural. Ao longo dos anos, percebi mudanças no ambiente onde cresci. Em alguns períodos, houve secas mais intensas e mudanças no clima que afetaram a vida das pessoas, principalmente daquelas que dependem da agricultura e dos recursos naturais.

Após migrar para o Brasil comecei a observar outras mudanças ambientais, como períodos de muito calor e notícias sobre secas e enchentes em diferentes regiões. Isso me fez refletir ainda mais sobre como o ser humano depende da natureza e de como precisamos cuidar melhor do meio ambiente. Essas experiências marcaram a minha vida e influenciam a minha forma de ver o mundo. Como estudante de Turismo, penso que é muito importante promover um turismo mais consciente, que valorize a natureza, a cultura e as histórias das pessoas.



Precisei recomeçar do zero em um novo país, com uma língua e uma cultura diferentes. A transição foi difícil, mas não impossível. Graças às excelentes políticas públicas para migrantes e apátridas, como o programa UEMS Acolhe, pude encontrar apoio e oportunidades para me integrar à sociedade brasileira.

Estudei português e, em 2024, me formei como cozinheira profissional pelo Senac Gastronomia e Turismo MS. Estou buscando ampliar minhas habilidades e conhecimentos na área. A experiência como migrante me ensinou a ser resiliente e a encontrar oportunidades em meio às adversidades. O povo brasileiro me recebeu de braços abertos, e isso me deu a força para seguir em frente.

Hoje, sou grata por ter encontrado um novo lar no Brasil e por ter a oportunidade de compartilhar minha história com outras pessoas. Espero que minha experiência possa inspirar e motivar outros migrantes a não desistirem de seus sonhos.



## No horizonte da língua portuguesa



Lautem Iliomar

*Desejo que elas não se tornem vítimas da língua portuguesa. Dessa forma, trouxe-as para cá, a fim de que possam interagir socialmente e empregar o português brasileiro. Isso não as impede de intensificar seu domínio da língua. Esse constitui o meu objetivo primordial.*

**S**ou oriundo de Timor-Leste, uma nação insular localizada no Sudeste Asiático, que recuperou sua independência em 2002 e, atualmente, possui uma população estimada em cerca de 1.400.000 habitantes. Estou matriculado no doutorado de uma universidade pública.

Em virtude de fatores históricos, como a colonização portuguesa que perdurou por cerca de 450 anos em nosso país (1515 a 1975) e a saída de Portugal em 1975, sem um processo de descolonização reconhecido e legitimado internacionalmente, além da invasão militar indonésia ocorrida no mesmo ano, os líderes da resistência em Timor-Leste organizaram atividades guerrilheiras nas florestas e montanhas, bem como enviaram representantes ao exterior, especialmente a Portugal, a fim de pressionar o governo português



para que continuasse a fornecer apoio diplomático. Dessa forma, pode-se afirmar que Timor-Leste estava, efetivamente, sob domínio indonésio.

Entretanto, legalmente, Portugal teve que manter seu reconhecimento como autoridade administrativa no território, a fim de assegurar espaço diplomático à resistência dos representantes de nossa nação. Assim, por meio da resistência armada, empregando táticas de guerrilha e contando com o apoio de combatentes da diáspora respaldados por Portugal, em 1999, foi promovido um referendo pela Missão das Nações Unidas em Timor-Leste (UNAMET). Este evento ocorreu por meio de um acordo entre Portugal e Indonésia, mediado pela ONU, no qual cerca de 80% da população optou pela independência plena. Em decorrência desse contexto histórico, a nação optou por adotar o português como sua língua oficial. Por esse motivo, optei por prosseguir com meus estudos de doutorado no Brasil. Não apenas eu, mas igualmente minha esposa e minhas duas filhas viemos; considerando que o português se consolidou como a língua oficial de nossa nação, desejo que elas não se tornem vítimas da língua nacional portuguesa.

Dessa forma, trouxe-as para cá, a fim de que, ao menos durante quatro anos, elas (minhas filhas) possam interagir socialmente e empregar o português brasileiro, apesar das pequenas distinções existentes entre este e o europeu. Isso não as impede de intensificar seu domínio da língua portuguesa. Esse constitui o meu objetivo primordial.

Atualmente, não apenas eu, mas também, neste ano de 2026, Timor-Leste está colaborando com a embaixada brasi-



leira no meu país, tendo enviado seis indivíduos para realizar um curso de português de um ano na universidade. Caso, após a conclusão do curso, sejam aprovados no exame e considerados selecionados, o nosso país concederá bolsas de estudo para que prossigam com suas formações em diversas áreas de suas escolhas, constituindo-se um apoio enérgico para esse programa.



## Haussás: movimentos migratórios



Abdu Alhausawi

*O meu avô é da Nigéria, o meu pai nasceu no Sudão e a minha filha nasceu no Brasil.*

**M**eu nome é Abdu Alhausawi, tenho 32 anos. Nasci e cresci na Arábia Saudita. Minha família é originária da Nigéria, especificamente de uma cidade chamada Sokoto. Eles são haussás, considerados uma das maiores etnias da África e do mundo.

Os haussás são um grupo étnico numeroso e influente na África Ocidental, particularmente no norte da Nigéria, no sul do Níger e no Sudão. A maioria é muçulmana. Vale ressaltar que o hausa é uma das línguas mais faladas no continente africano.

Os haussás são conhecidos por serem comerciantes e por possuírem grande habilidade em compras, vendas e negociações. Eles fundaram poderosas cidades antigas, como Kano e Sokoto, que eram centros de comércio e ciência.




A migração dos haussás da Nigéria para o Sudão ocorreu por vários motivos, entre os quais o comércio transaariano e as migrações religiosas. Além disso, o colonialismo britânico na Nigéria levou a mudanças econômicas, como a busca por empregos e estabilidade financeira.

A migração dos haussás do Sudão para a Arábia Saudita ocorreu por questões religiosas, laços históricos e comerciais, busca por estabilidade e segurança, além de educação religiosa e oportunidades sociais.

Que Deus abençoe a minha família.



## Migração, resistência e integração cultural no Brasil

 Pedro Aza

*O Brasil se tornou não apenas um território de acolhimento, mas também um espaço de transformação, onde pude ressignificar minha trajetória e projetar novas possibilidades de futuro.*

**M**eu nome é Pedro Aza, um migrante venezuelano de 52 anos. Saí da Venezuela em 2021 devido a uma situação de insegurança relacionada à trajetória profissional, o que colocava em risco a integridade e a de minha família.

Cheguei ao Brasil, especificamente à cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, com muitas incertezas, mas também com a esperança de reconstruir a vida em um novo contexto social, cultural e econômico.

O processo de adaptação não foi imediato, pois enfrentei dificuldades com a língua portuguesa, diferenças culturais e os desafios na inserção no mercado de trabalho. Todavia, encontrei no Brasil um ambiente de acolhimento que me permitiu avançar gradualmente em um processo de integração.



Um dos marcos mais importantes dessa trajetória foi a formação como cozinheiro pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Essa experiência não apenas me proporcionou qualificação profissional, mas também fortaleceu a minha conexão com a cultura brasileira por meio da gastronomia, possibilitando identificar aproximações e diferenças em relação à culinária venezuelana.

Sou estudante de Turismo e a minha formação acadêmica tem sido fundamental para compreender o turismo como um espaço de intercâmbio cultural, no qual a migração pode ser entendida como um elemento enriquecedor da experiência turística e da diversidade cultural. No transcurso desse processo, consegui estabelecer uma relação significativa com o contexto sociocultural brasileiro, participando ativamente de espaços educativos e sociais. Ao mesmo tempo, mantenho vivas minhas raízes venezuelanas, promovendo um diálogo intercultural que se reflete em minha identidade, nas práticas cotidianas e na visão de mundo. A partir de uma perspectiva crítica, compreendo que a experiência migratória vai além do deslocamento geográfico, envolvendo processos de reconstrução pessoal, social e cultural. Nesse sentido, o Brasil se tornou não apenas um território de acolhimento, mas também um espaço de transformação, onde pude ressignificar minha trajetória e projetar novas possibilidades de futuro.

Por fim, minha história representa um percurso de resistência, adaptação e integração, podendo contribuir para reflexões sobre o papel dos migrantes no desenvolvimento do turismo, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural.



## A natureza e a cultura haitiana



Yvrose Desir

*No UEMS Acolhe encontramos migrantes de diferentes países. Há brasileiros, haitianos, venezuelanos, colombianos, bolivianos, entre outros. Todos compartilham suas culturas, o que cria uma grande diversidade cultural.*

**M**eu nome é Yvrose Desir. Sou do Haiti e nasci no Departamento do Sul do país. Venho de uma família de quatro filhos. Tenho duas irmãs e um irmão. Sou engenheira agrônoma, com especialização em Gestão Ambiental e Recursos Naturais. Estou cursando o mestrado em uma universidade pública na minha área do conhecimento. Vim ao Brasil para continuar meus estudos, pois sou beneficiária de uma bolsa internacional.

Enfrentei algumas dificuldades durante a viagem. Devido aos problemas sociopolíticos no meu país, não havia voo direto do Haiti para o Brasil. Por isso, precisei fazer quatro conexões aéreas organizadas da seguinte forma: Cabo Haitiano – Providenciales; Providenciales – Jamaica; Jamaica – Santo Domingo; e Santo Domingo – São Paulo. De São Paulo até



Campo Grande, ainda enfrentei uma longa viagem, totalizando cerca de 18 horas em deslocamento. O trajeto foi realmente muito cansativo.

No UEMS Acolhe encontramos migrantes de diferentes países. Há brasileiros, haitianos, venezuelanos, colombianos, bolivianos, entre outros. Todos compartilham suas culturas, o que cria uma grande diversidade cultural. Além disso, temos a oportunidade de aprender a língua portuguesa e de conhecer melhor a cultura brasileira.

As primeiras memórias que me vêm à mente são as da minha família, pelo carinho e pela sabedoria familiar; o meu “Lakou”, a paisagem, o mar, a brisa marinha e o canto dos pássaros. Tudo isso me faz muita falta.

Todos os elementos da natureza são muito importantes para nós: as árvores, os pássaros, o mar, as nascentes, os rios e a paisagem. Enfim, todos são essenciais para a nossa vida, pois estamos em harmonia com esses elementos naturais. Temos uma conexão profunda e quase divina com a natureza.

A natureza é algo belo e muito importante no Haiti; também o é para a minha família, pois mantemos uma relação estreita com a natureza e vivemos em plena harmonia com o meio ambiente. Ademais, as tradições fazem parte dessa riqueza cultural, refletida na culinária haitiana e nas danças tradicionais, como o folclore, o lbo e o Yanvalou. Outro elemento fundamental é o crioulo haitiano, que nos diferencia de outras nações e expressa a nossa identidade cultural. A minha avó é camponesa e ela cultiva a terra. Tudo o que nós consumimos vem da terra. As práticas culturais e comunitá-




rias, como o KONBIT e a CORVEE, também fazem parte da nossa tradição e revelam o espírito de solidariedade do nosso povo. Tudo isso me faz sentir muito orgulhosa de ser haitiana.

Há alterações no ambiente da minha cidade natal; devido às mudanças climáticas, observa-se a perda da biodiversidade haitiana, com o desaparecimento de algumas espécies nativas, além da poluição da água e do ar, que contribuem para o surgimento de doenças, como a cólera, a malária e a chikungunya.

Também ocorrem eventos como terremotos, deslizamentos de terra e inundações que provocam perdas de vidas humanas e danos materiais, além de comprometer as infraestruturas. Essas situações colocam a população em um ciclo constante de recomeços.



## Herança cultural e familiar

 Abdellah Ali

*Eu gostava de passar o tempo ao ar livre com a minha família, pois eles influenciaram muito a minha personalidade. Aprendi valores como respeito, hospitalidade, paciência e autossuficiência. Isso faz parte de quem eu sou hoje.*

**S**ou de Marrocos e moro no Brasil, em Campo Grande, MS. Sou estudante e tenho interesse em aprender sobre novas culturas e ampliar meus conhecimentos. Gosto de passar o tempo com a minha família e amigos, e de conhecer novos lugares.

Eu vim para o Brasil para visitar o país e o meu amigo. Ele me aconselhou a ficar aqui para estudar e conquistar novas oportunidades de emprego, pois, na área em que atuo, há chances de ter uma vida melhor e conhecer uma nova cultura.

Durante a minha jornada, enfrentei dificuldades como o idioma e a adaptação a uma nova cultura. Senti saudades da família, pois no início foi difícil, mas depois me adaptei.

O UEMS Acolhe é muito importante para mim, porque me ajuda a sentir acolhido e apoiado. Também me ajuda a



me adaptar melhor à vida no Brasil. Conheci professores excelentes e gentis, além de estudantes de diferentes países, com quem pude fazer amizade.

Quando penso em Marrocos, lembro-me da minha família, da comida tradicional como o cuscuz, o tajine, o chá e a bissara, além de outras comidas e cidades bonitas. Essas memórias são muito importantes para mim.

Em Marrocos, a natureza é muito importante. Temos montanhas, desertos e praias. Eu gostava de passar o tempo ao ar livre com a minha família, pois eles influenciaram muito a minha personalidade. Por exemplo, aprendi valores como respeito, hospitalidade, paciência e autossuficiência. Isso faz parte de quem eu sou hoje.

O ambiente, a cultura e a natureza do meu país influenciaram-me, porque, em Marrocos, aprendi valores importantes. A cultura me ensinou a valorizar a família e as tradições. Além disso, a natureza, como as montanhas, o deserto e o mar, por exemplo, ensinou-me a ser forte e a apreciar as coisas simples da vida.

E, por fim, obrigado a vocês por nos ajudarem e nos proporcionarem o aprendizado.

Muito obrigado!



## Ao filho querido



Lili Roça

*Embora tenha sido uma grande mudança em nossas vidas, estamos felizes com o que alcançamos para o nosso filho e sabemos que aqui ele estará muito bem, porque no Brasil há uma verdadeira inclusão das pessoas com deficiência.*

**S**ou boliviana, tenho 48 anos e sou casada há 24 anos. Tenho três lindos filhos e sinto que tinha toda uma vida organizada e tranquila. No entanto, a preocupação era cada vez maior em relação ao meu filho mais novo. Ele é um menino muito lindo, é puro amor e, como pais, nos perguntávamos o que seria dele no futuro. Isso nos corroía cada dia mais.

Falávamos em família sobre a possibilidade de mudar nossa vida ao nos mudarmos para o Brasil. Por que o Brasil? Aqui vimos uma verdadeira inclusão de crianças atípicas e a possibilidade de que meu filho, à medida que se tornasse um jovem, precisasse trabalhar e se manter sozinho. Ele precisaria de autonomia. Isso nos levou a tomar a decisão de migrar para o Brasil.



Graças a Deus, não foi complicado fazer os documentos, pois contamos com a ajuda de um excelente amigo. Ele nos auxiliou não somente nos levando aos diferentes lugares para organizar a papelada, mas também nos ofereceu sua casa como acolhimento. Isso foi um grande gesto de amor da parte dele e de sua esposa.

Atualmente, estamos vivendo em uma casa pequena, alugada. E aos poucos estamos conseguindo o suporte que queremos para o nosso filho. Ele está fazendo suas terapias em um lugar chamado Juliano Varela, onde as pessoas foram amáveis e agradáveis desde o primeiro dia da entrevista.

Estamos esperando ainda por outras terapias de que ele precisa, como, por exemplo, as de fonoaudiologia e psicologia. Mas sabemos que vamos conseguir. Já fizemos os encaminhamentos e só temos que esperar, porém estamos felizes com o que alcançamos até agora.

Embora tenha sido uma grande mudança em nossas vidas, estamos felizes com o que alcançamos para o nosso filho e sabemos que aqui ele estará muito bem, porque no Brasil há uma verdadeira inclusão das pessoas com deficiência.

Estamos seguros de que tomamos, embora difícil, a melhor decisão para nossas vidas.



## Uma camba do oriente boliviano



Julia Rojas

*O ambiente e a cultura da minha terra vão influenciar sempre a pessoa que eu sou, porque eu sou uma boliviana do oriente; portanto, a minha cultura e os meus costumes me definem e eu me sinto orgulhosa de ser uma boliviana camba.*

**M**eu nome é Julia Rojas, tenho 32 anos, sou de nacionalidade boliviana e mãe de uma menina. Atualmente, sou casada com um brasileiro e há seis anos moro no Brasil.

O motivo que me trouxe foi a perda de meu pai e de minha mãe. Eu era filha única e fiquei sozinha, apenas com a minha filha. Foi assim que tomei a decisão de reiniciar minha vida em outro país. Um parente que eu tinha no Brasil foi quem me fez uma proposta para morar aqui. Então, eu decidi reiniciar minha trajetória em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Durante a minha jornada de migrante, o desafio que enfrentei foi o de vir para cá na época da pandemia. Entrei no Brasil de forma irregular e fiquei assim por quase dois anos, sem documentação, somente com os documentos da Bolívia.



Foi complicado porque estava tudo fechado e não havia muitas opções de serviço devido à pandemia.

No serviço que consegui, aceitaram-me sem a documentação brasileira. Permaneci por quase dois anos naquele trabalho devido ao medo de ir em busca de outro, porque eu estava irregular no país. Não fui muito bem informada e encaminhada, pois não tive a opção de ajuda para começar a fazer a minha documentação. Isso dificultou muito devido à pandemia e pela documentação.

Ao longo do tempo, chegaram algumas pessoas que me ajudaram e fui até o serviço de imigração da Polícia Federal para saber o que precisava fazer. Dessa forma, consegui as informações para iniciar o processo de regularização. Foi quando saí do Brasil e tive que fazer a migração para começar o meu trâmite de residência. Essa questão da documentação foi muito complicada e, economicamente, também, porque éramos duas pessoas. Sair do país e retornar não foi fácil. Saímos, então, e regressamos, dessa vez de forma regular. Essa foi a minha experiência no começo da jornada como migrante.

O UEMS Acolhe tem sido muito importante hoje na minha vida, demonstrando-me que o migrante é muito bem recebido aqui no Brasil. Isso evidencia que podemos ser acolhidos, pois é possível aprendermos a língua, sermos bem encaminhados e percebermos que portas podem se abrir. Tudo em companhia de outros migrantes; ou seja, um abrir-se para o reinício de vida.

Por meio desse acolhimento, vejo que o migrante é bem acolhido no Brasil e tem muitas oportunidades. O UEMS Acolhe está me mostrando o que eu precisei um dia na minha



vida, no início da jornada de migração, pois não tive o encaminhamento certo. O programa está me ensinando a mostrar para outros migrantes que, sim, temos um lugar que nos acolhe para aprender o idioma, para conseguir abrir portas aqui no Brasil e para o início da nossa nova etapa de vida no país.

Para mim, os elementos importantes do meu país são os habitats naturais, as plantas, os animais, porque, como eu venho de um distrito pequeno, ainda tem aquela paz, a tranquilidade de escutar as aves, de ver as plantas e as árvores. Temos muitas plantas e árvores reconhecidas que dá para observar e contemplar a natureza.

O ambiente e a cultura da minha terra vão influenciar sempre a pessoa que eu sou, porque eu sou uma boliviana do oriente; portanto, a minha cultura e os meus costumes me definem e eu me sinto orgulhosa de ser uma boliviana camba. Somos chamados de camba, as pessoas do oriente boliviano, e nos sentimos orgulhosos de ser chamados de camba do oriente boliviano. Amamos muito nossa cultura e eu me identifico e tenho orgulho de ser uma camba boliviana.

O que eu notei na mudança ambiental do lugar de onde eu vim é a seca. Lá é muito seco e o lugar onde morava é chamado de Bosque Seco Chiquitano. É um lugar que geralmente não tem muita água, pois normalmente sofremos com a falta de água. E, com o passar do tempo, a seca está constantemente presente e as pessoas estão tendo muita perda de natureza.

As condições ambientais mudaram muito porque as estações mudam frequentemente, passando de extremo a extremo, porque depois de uma seca muito prolongada, é



quando vem a enchente e acaba com tudo. O pior é que são lugares onde geralmente tem pouca água e, quando vem a inundação, vem com muita força.



## Uma longa travessia



Alejandro Gonzalez

*Sempre que necessário, retiro o pão da minha boca para doar ao próximo, visto que, se eu posso acolher alguém, eu acolho.*

**S**ou natural da Colômbia e nasci em 1971, no dia vinte e dois. Tenho irmãos e somos de uma família colombiana descendente de migrantes europeus. Estudei e me formei em um curso superior tecnológico em agropecuária pelo SENA (Serviço Nacional de Aprendizagem), na Colômbia.

Tenho certificado em pecuária leiteira e fiz 30 cursos dentro dessa área de formação, que incluem minhocultura, suinocultura, avicultura (galinhas e codornas), inseminação artificial de bovinos, éguas, porcos, cabras e aves de produção. Também fiz um curso de zootecnia com foco no manejo e na reintrodução de animais silvestres na natureza. Sou uma pessoa alegre e extrovertida, mas com um passado não muito bom. Fui criado no Caribe, onde passei a minha infância. Depois desse período, a família retornou à minha terra natal.



Hoje, moro sozinho no Brasil há vários anos. Sou uma pessoa muito humanitária e humilde, pois estou sempre disposto a ajudar alguém que precise e, sempre que necessário, retiro o pão da minha boca para doar ao próximo, visto que, se eu posso acolher alguém, eu acolho. Sou uma pessoa aberta, sincera e honesta.

A minha travessia começou quando me formei no SENA e fui fazer o estágio em uma fazenda. Por lá, trabalhei com um fazendeiro muito rico; no entanto, ele tinha alguns problemas com os grupos subversivos da Colômbia. Naquela ocasião, o meu patrão pagava uma multa, uma *vacuna* (extorsão), mensalmente. Eu não conhecia pessoalmente o meu patrão, sua esposa e seu filho, porque eles eram muito reservados.

Quando o grupo de subversivos chegava repentinamente à fazenda, matavam a melhor vaca, por assim dizer, o melhor touro, e os carneavam. Eles também comiam galinhas e tudo o que podiam, enquanto o meu patrão não podia fazer nada. Naquele tempo, era assim na Colômbia. Além disso, tiravam as pessoas das chácaras e se apossavam das terras. Sempre que chegavam, pegavam o que podiam, levavam o dinheiro dos fazendeiros e iam embora.

Devido à insegurança, alguns funcionários da fazenda resolveram sair do país. Chegamos à rodovia e pegamos um ônibus. Depois disso, fiz a travessia para o Equador. Fiquei quase dois meses sumido e sem ligar para a minha mãe. Falei com ela quando já estava no Equador, onde pedi refúgio e fui encaminhado a um psicólogo. Aquele país me acolheu e me deu abrigo. Todavia, naquele tempo, cada refugiado deveria receber certa quantia em dólares da ONU, mas isso não



acontecia na prática. Ou seja, não ganhávamos o suficiente para nos mantermos.

Seguíamos lutando, fazendo filas de madrugada para receber um sacolão e para que nos doassem um fogão de duas bocas, um botijão, uma cama, um colchão e uma coberta. Isso foi humilhante, e passei por apuros e necessidades. Foi difícil chegar a um país que falava a mesma língua, mas com costumes diferentes, sem conhecer ninguém. Esta foi uma travessia e uma experiência que eu não desejo para ninguém. Inicialmente, nada dava certo porque minha situação de refugiado não estava regularizada. Depois que consegui a documentação, trabalhei em uma padaria, onde éramos explorados. Eu trabalhava mais do que deveria e ganhava muito pouco.

Depois que saí da padaria, conheci uma médica que me estendeu a mão; e fui cuidar de um senhor de cadeira de rodas. Mas não foi bem assim. Passei por humilhações e tive que dormir no emprego. Primeiro, ela me falou que eu iria cuidar do cadeirante, fazer exercícios e dar-lhe banho. Depois, tive que fazer o almoço, limpar a casa e o quintal, para ganhar apenas 150 dólares por mês. O filho da mulher que me contratou trabalhava em uma petrolífera e ganhava 3.000 dólares. Por eu ser estrangeiro, pagavam-me muito pouco. Mesmo assim, fui guardando dinheiro e conheci outros colombianos que me convidaram para migrar para o Brasil. Eu aceitei e disse: “Vamos para o Brasil, porque aqui, na verdade, estou na fronteira e corro perigo”. Então, decidimos sair durante a madrugada, apenas com 1.000 dólares cada um. Dessa vez, a nossa travessia foi para o Peru. É importante dizer que, por um ano e vinte e sete dias, fui o presidente dos refugiados no Equador.



Com meu amigo, sua mulher e os quatro filhos dele, fizemos uma longa travessia para o Brasil. Primeiro, pisamos no Peru. Foi duro, passamos fome e necessidades. Algumas pessoas nos ajudaram, enquanto outras bateram a porta na nossa cara. Foi algo terrível. Depois, passamos para a Bolívia, e foi ainda pior. Algo que não desejo a ninguém. Estávamos cansados, sem roupas e com quase nada, magros e com as costas doendo. Na longa travessia, pegamos um ônibus e pedimos ajuda para tomar outro ônibus, tentando guardar economias e sempre gastando o dinheiro que restava.

Enfim, chegamos a Corumbá. Apresentamo-nos à Polícia Federal, porque éramos refugiados do Equador. Trouxeram um tradutor que nos explicou o que íamos fazer e questionou por que estávamos aqui no Brasil. Eu contei o meu caso: que trabalhava em uma fazenda em condições difíceis e sem segurança.

Um padre nos acolheu. Lembro-me, até agora, do bairro em Corumbá onde ficava a Igreja do Menino Jesus, mas não consigo lembrar o nome do sacerdote que nos abrigou durante quase um mês, além da Cáritas Arquidiocesana. Eles ajudaram cada um a se deslocar para outra cidade a que pudesse ir. Considerando a minha profissão, fui orientado a ir para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, pois tinha formação em pecuária. Assim, chegamos ao CEDAMI (Centro de Apoio ao Migrante), que fica perto da rodoviária antiga, onde são recebidos todos os refugiados que chegam sem nada, somente com a roupa do corpo e a mala.

Conheci uma freira que me orientou a tirar o CPF e a carteira de trabalho, pois eu precisaria deles. Ela me ensinou



a falar o português, a ler revistas e a escutar noticiários na TV e no rádio. A programação incluía chamadas com ofertas de emprego. Então, fui até a uma emissora de TV e me apresentei. Disse que estava procurando emprego, que era formado como técnico em agropecuária e que estava oferecendo os meus serviços. Informei que também era inseminador de gado, de éguas, de cabras e de porcos. Depois disso, retornei ao CEDAMI; passaram-se cinco minutos, quando ligaram para mim. A instituição que fez a ligação foi a “Manos Unidas” da Espanha, associada à Comissão Pastoral da Terra (CPT), onde trabalhei durante um ano e meio como professor de pecuária. Trabalhei também no ramo da agricultura familiar, que envolve pessoas de baixo poder aquisitivo, como acampados e assentados, aqueles que vivem da terra. Tudo isso foi uma experiência muito boa.

A importância do UEMS Acolhe na minha vida está no fato de nos reconhecer como latinos que falam a mesma língua e acolher migrantes de outras nacionalidades que falam outro idioma. Encontramo-nos com pessoas de diferentes países, e esse acolhimento é muito bom. É o que digo: os brasileiros são pessoas acolhedoras. Isso é um passo importante para a nossa regularização como migrantes. Aprendemos um português que se fala no dia a dia e que é necessário para procurar um emprego, trocar ideias, ir ao hospital, comprar um medicamento e ir ao mercado. É sempre um momento de gratidão e estou muito feliz com o curso, embora já se tenham passado muitos anos aqui no Brasil. Ouvi falar do programa e consegui me matricular, porque o meu objetivo é me naturalizar. O UEMS Acolhe é um apoio que nos faz sentir



em casa. Eles têm uma acolhida muito boa, na qual me senti verdadeiramente brasileiro e estou muito feliz com a turma.

A Colômbia é um país maravilhoso, com uma biodiversidade enorme. É um país belo, com todos os climas. Lá, as pessoas são muito acolhedoras e a cultura é muito bonita. Cada região, cada cidade, tem algo de sua cultura e sotaques diferentes. Sinto orgulho de ser colombiano, e as minhas maiores recordações são das pessoas e da natureza. Sempre vêm à minha mente as danças e os gêneros musicais, como o vallenato, o merengue, a salsa e a cumbia. A cultura indígena também é muito forte. Temos os páramos com montanhas altas e o rio Amazonas, o que torna o país muito bonito. A Colômbia é um país que me dá nostalgia, pois faz muito tempo que saí e nunca mais voltei. Sinto falta, principalmente, da comida e dos sucos naturais que aqui não encontramos. Cada cidade tem o seu prato típico; por exemplo, em Bogotá, há o ajiaco, que é uma sopa grossa que leva frango, batata e alguns ingredientes. Sinto falta da biodiversidade, da natureza, da cultura e da comida.

As principais lembranças da Colômbia estão nos passeios e piqueniques que fazíamos em família. Íamos a cada cidade conhecer lugares como, por exemplo, as Piedras de Tunja,<sup>1</sup> o Nariz del Diablo<sup>2</sup> e o Cerro de Monserrate.<sup>3</sup> São muitos lugares bonitos dos quais sinto falta. Aqui há cachoeiras,

---

<sup>1</sup> Piedras de Tunja estão localizadas em Facatativá, um parque arqueológico com grandes formações rochosas e pinturas rupestres.

<sup>2</sup> Nariz del Diablo é uma formação rochosa situada em uma curva acentuada da estrada que liga Bogotá a Girardot.

<sup>3</sup> Monserrate é o cerro mais conhecido de Bogotá, com uma vista panorâmica da capital colombiana.



mas é muito diferente, e existe o Pantanal. Na Colômbia, chamam-se Llanos Orientales, que são planícies alagadas semelhantes ao Pantanal. Os Llanos Orientales, assim como o Pantanal, aqui no Mato Grosso do Sul, são regiões planas. Lá, a natureza é formidável, e é possível observar muitas espécies de pássaros e uma rica biodiversidade. As lembranças são grandes.

Somos um povo muito festeiro e fazemos festas para tudo. A cultura e a natureza do meu país influenciam muito quem sou hoje. Mesmo estando acostumado aqui, sinto falta da cultura colombiana. O clima aqui é mais quente; há cidades na Colômbia que são quentes, mas o Brasil é mais quente do que a Colômbia.

A poluição, acredito, está por todo o mundo. Aqui não há terremotos. Lá, estranhava, porque quando a terra ia tremer, os pássaros não cantavam, o vento ficava quieto e não se mexia nenhuma folha de árvore. Tudo ficava em silêncio, e os cachorros ficavam quietos. Era quando falávamos: "Vamos para fora porque a terra vai tremer!". Exatamente quando saímos de casa, a terra começava a se mexer. Todavia, isso não me afetou. Há muita diferença em relação ao Brasil, e gosto porque não há terremotos por aqui, além de gostar do clima quente, do qual sempre gostei.



## Encontro com a paz



Ahmed Mansour

*As primeiras memórias que vêm à mente quando penso de onde vim se traduzem na calma em que eu vivia no meu país antes da guerra.*

**O** meu nome é Ahmed Mansour. Sou da Palestina e nasci na Síria. Tenho 52 anos e estou trabalhando como gesseiro. Há 11 anos, cheguei ao Brasil e escapei da guerra naquele país.

Os maiores desafios que enfrentei durante a minha jornada de migração para chegar aqui foram o conhecimento das tradições e o aprendizado de um novo idioma.

O UEMS Acolhe, nesse momento da minha vida, ajudou-me muito a organizar meu *status* como imigrante aqui no Brasil.

As primeiras memórias que vêm à mente quando penso de onde vim se traduzem na calma em que eu vivia no meu país antes da guerra.



Os elementos mais importantes para mim e para a minha família eram a hospitalidade, a educação e o trabalho. Estou acostumado a viajar por mais de um país e conheci diferentes culturas. A mudança ambiental que notei é que o clima aqui é bem diferente.



## Lições para toda uma vida



Luís Bracho

*A minha mãe sempre me apoiou e dizia que havia criado os filhos para a vida e tinha nos dado as asas para voarmos muito alto.*

**S**ou Luís Bracho, tenho 33 anos e sou o terceiro filho, o caçula. Minha mãe foi mãe solo. Infelizmente, no primeiro casamento, ela se separou. Logo após, conheceu o meu pai, e nasceram o meu irmão do meio e eu. Pouco tempo depois, aconteceu uma tragédia, e ela ficou viúva.

Com apenas um ano de idade, eu acabei perdendo o meu pai e não tive a oportunidade de conhecê-lo. Todavia, minha mãe sempre foi mulher o suficiente para se fazer valer como pai e mãe. E isso foi uma das coisas que ela sempre mostrou para a gente: ser uma mulher forte, valente e empoderada.

Ela sempre dizia para os filhos que o objetivo da vida dela era administrar tudo o que estava em suas mãos, para que fôssemos homens de bem. E sempre falou que a educação e o estudo eram as ferramentas que ela podia nos deixar,



e constantemente se esforçou para que estudássemos. E, assim, consegui me formar no ensino médio, com a minha mãe sempre ajudando e apoiando. Nunca faltou nada em casa. Fomos criados em uma cidade pequena do interior, de poucos habitantes. Por toda a minha vida, sempre comento que foi uma coisa maravilhosa, que muitos não têm a oportunidade de viver. Por isso, sinto-me muito orgulhoso.

A minha avó era a parteira da cidade. Como não havia médicos ou hospitais por perto, desde os 14 anos ela fazia partos, e nós tivemos a oportunidade e o privilégio de nascermos na casa da avó, pois foi ela quem nos recebeu. Temos uma conexão muito grande e importante com a nossa mãe e com a nossa avó, que também foi uma mulher muito guerreira. Esses foram os nossos grandes exemplos de vida, pois elas incutiram isso em nossas mentes e nos ensinaram a sermos guerreiros, pois “a vida dá limões, e temos que fazer limonada.”

Apesar da escassez que podia existir, sempre fui uma criança muito feliz. Com o pouco que eu tinha, era sempre rodeado pelo amor e pelo carinho das pessoas que estavam por perto. Felizmente, sempre consegui estudar. Tive pouco contato com a família por parte de pai; no entanto, a minha avó sempre ligava e mantinha contato conosco. Retomando esse contato com ela, quando eu me formei no ensino médio, resolvi dar o meu primeiro passo. Vamos dizer assim, foi o meu primeiro contato com a migração, porque eu resolvi morar em um estado muito longe da minha casa, uma cidade grande, uma cidade enorme, a capital, mas com o objetivo em mente de me formar, estudar, pois queria ser alguém



na vida, como a gente fala na Venezuela. Dos meus irmãos, eu fui o único que quis continuar estudando. Fui atrás de uma oportunidade, de uma vaga em uma faculdade pública. Foi quando consegui a vaga, tive que me mudar e fui para aquela cidade morar com a minha avó paterna, que me deu essa oportunidade.

Com 17 anos, saí de casa, rumo ao que eu falava na época que era o meu futuro: o de me formar. Comecei a estudar na faculdade de Administração de Recursos Humanos. Na minha vida, nunca precisei trabalhar, porque a minha mãe sempre nos sustentou, sempre administrou tudo em casa; por isso, nunca tive a obrigação de trabalhar para ajudar em casa, nem de contribuir. Minha única contribuição era estudar. A minha mãe sempre me apoiou e dizia que havia criado os filhos para a vida e tinha nos dado as asas para voarmos muito alto. E, com a bênção da minha mãe, eu resolvi me mudar de estado. Passei a viver com uma família com a qual não tinha convivido muito; a não ser, esporadicamente, em festas natalinas, quando viajávamos para passar o Natal e as férias da escola.

Quando mudei de cidade, tive aquele primeiro choque com a realidade. Saí do ninho para conhecer o mundo. Fui morar longe e comecei com o meu objetivo de trabalhar e estudar. Antes de começar a faculdade, já trabalhava, uma vez que demorou um pouco para aquela vaga se efetivar e para eu iniciar os estudos. E, quando eu tive a oportunidade de ter o meu primeiro emprego, comecei a gostar do trabalho, a gostar das minhas coisas e a ter o meu dinheiro. Quando saiu a vaga, paralelamente, passei a estudar e a trabalhar. Naque-



la época, era uma pessoa mais nova, com uma mentalidade totalmente diferente, e comecei a gostar mais do dinheiro do que do estudo. Passei a gostar das festas, comecei a sair e não dei tanta prioridade aos meus estudos. Com isso, os estudos se atrasaram. O tempo foi passando, e eu naquela vida, estudando e trabalhando, até que chegou um momento em que aquela situação passou a apertar, devido à situação política e econômica do meu país.

Comecei a amadurecer com o tempo, e a minha visão começou a mudar. Eu já não era aquela pessoa que queria depender de uma festa e não queria mais sair para curtir. O meu foco principal passou a ser os estudos. Infelizmente, fui entender isso muito tarde, pois a situação do meu país começou a apertar tanto que eu não tive o que fazer, senão largar tudo e voltar para a minha cidade, porque era insustentável manter aquela situação. Além da situação política, a situação econômica foi muito pesada.

Chegamos a um ponto em que não conseguíamos nos alimentar bem. Não conseguíamos ir ao mercado comprar os alimentos da cesta básica, porque não existiam ou, se tínhamos o dinheiro, não dava para comprar. Fazíamos filas de horas e horas para poder entrar num supermercado, para verificar se tínhamos a oportunidade de conseguir um arroz, um macarrão e um sabonete.

A escassez foi uma coisa muito ruim na época e foi uma pancada muito forte que a realidade me trouxe. Eu comentava: "Não é possível que eu esteja em um lugar onde, mesmo trabalhando, não posso ter acesso ao básico." Foi quando tomei a decisão, e já faltava pouco tempo para a minha forma-



tura, aproximadamente dois anos, ou seja, quatro semestres para me formar. Infelizmente, tive que tomar uma decisão: a de fazer uma escolha. Conversei com a minha mãe e disse: “Mãe, não está dando certo, eu quero voltar para casa.” Ela sempre me apoiou e falou: “Pode voltar, eu vou te ajudar aqui em casa, para que você encontre um trabalho e continue com os seus objetivos; então, vem para casa que a mãe está aqui para te apoiar.”

Com a bênção da minha mãe, voltei para casa. Efetivamente, consegui uma oportunidade de trabalho em uma fábrica em que ela trabalhava, inicialmente, ganhando um salário muito bom. Estava feliz por ter voltado para casa, mas triste também, porque larguei a minha faculdade para poder, vamos dizer assim, começar do zero.

Sempre com o objetivo de estudar e fazer alguma coisa na vida. Agora, com outra mentalidade, mais maduro, porque estava querendo ter meu lar. Tive aquela sensação de ter voltado para casa derrotado, abatido por não ter conseguido nada daquilo que tive como propósito ao sair de casa. Com isso na cabeça, de que teria que começar do zero, e ao mesmo tempo trabalhando, queria fazer faculdade. Continuava com isso em mente. Mais uma vez, a situação econômica no país continuou apertando. A inflação começou a desfazer a economia do nosso país, e o salário não estava dando para suprir as necessidades.

Uma das coisas, quando eu resolvi voltar para casa e comentei com a minha mãe, foi que, se o meu retorno não desse certo, resolveria sair de casa. Eu ia migrar. Queria sair da Venezuela, pois muitas pessoas estavam saindo para morar



em outros países, e eu queria fazer a mesma coisa. Eu não estava me sentindo bem. Por ter saído de uma cidade pequena do interior e ido morar numa cidade grande, a capital, eu conheci outras coisas e pessoas, uma outra forma de viver a vida, com muitas oportunidades que tive lá. Voltar para uma cidade pequena, com poucas oportunidades, fez com que eu sentisse que não era o meu lugar e quisesse sair. A minha mãe, como sempre falou: “O que você quiser, para mim está certo. Eu te apoio, e vá, vá voar.” Então, tomei a decisão de sair da Venezuela.

O Brasil me escolheu mesmo, este país estava predestinado para mim. Na hora em que eu resolvi tomar a decisão de emigrar, quando conversei com a minha mãe, a primeira porta que estava aberta era o Brasil, porque eu tive um amigo que conheci na faculdade e que morava em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Ele sempre me falava muito bem das oportunidades, e eu comentava que também queria isso para mim, ter a oportunidade que ele teve, e gostaria de vivenciar o que ele estava vivendo. Ele me disse: “Apenas consiga o dinheiro e venha para cá, pois eu ajudarei você.”

A vida dá mil e uma voltas, e fiz outras opções. Surgiu a oportunidade de eu migrar para a Argentina e de começar do zero novamente. Enfim, comprei a passagem para a Argentina. Organizei tudo, e uma pessoa estava me ajudando a conseguir chegar e a começar a trabalhar. Vale ressaltar que o mais longe que havia ido ao sair de casa tinha sido para ir morar com a minha avó, para estudar e trabalhar. Logo, estava rodeado por família, porque o meu pilar fundamental sempre foi ela. Não pensei nessa possibilidade do que eu



iria fazer ao chegar em uma cidade completamente sozinho, como eu ia agir. Acabei indo com a força e a coragem, com a minha mala cheia de sonhos. Começou a minha viagem, e eu tive que ir até Bogotá, Colômbia, praticamente fugindo, porque em 2019 houve uma crise muito grande na Venezuela, uma coisa muito crítica em questão de política, tanto que as fronteiras foram fechadas, como a fronteira com a Colômbia quanto a com o Brasil. Houve um conflito bem complicado na época. Praticamente fugi do meu país, me escondendo, pagando dinheiro para poder ter meu passaporte carimbado com a saída da Venezuela, porque, senão, eu não poderia pegar meu voo que me levaria de Bogotá até a Argentina.

Passando por muitas situações difíceis, consegui atravessar a fronteira da Colômbia. Não foi uma travessia legal, vamos dizer assim, porque tive que ir por lugares por onde não se deve passar. Com a ajuda do meu irmão, que esteve comigo até o último minuto; ele foi a última pessoa que vi, foi a última pessoa que me abraçou. Quanto à minha mãe, não tive a coragem de abraçar, de me despedir, como eu deveria ter me despedido. Ela sempre me apoiou e sempre esteve feliz com as minhas decisões. Entretanto, ficou abalada e triste, porque dessa vez eu não iria migrar para outro estado, eu iria migrar para outro país, um país muito longe de casa. Ao mesmo tempo, ficou feliz, pois me deu a bênção para que o meu caminho fosse bom. A bênção de mãe é sempre muito importante, e ela sempre fez questão de me abençoar e me apoiar. Foi uma despedida rápida e segui o meu caminho. Cheguei à Colômbia, esperei e tomei o meu voo que me levou até a Argentina. Ao chegar lá, fui para o lugar onde eu ia morar.



Quando entrei, sentei-me na cama e olhei para um lado e para o outro, vi a minha mala e observei ao redor. Senti-me apavorado e comecei a ter pensamentos ruins: “Estou sozinho, não tenho ninguém aqui, o que eu vou fazer da minha vida?”. Vieram à mente coisas negativas, e acredito que essa foi a primeira vez que posso dizer que tive uma experiência ruim e uma crise de ansiedade. Não queria ficar, eu disse: “Não, aqui não vai dar certo; estou sozinho, não tenho ninguém.”

Um amigo que morava no Peru sempre esteve me acompanhando por toda a minha viagem, procurando saber como eu estava. Foi quando ele enviou uma mensagem perguntando como eu estava me sentindo e o que eu achava da cidade onde havia chegado. Desabafei e disse que não estava me sentindo bem e que estava me sentindo muito apavorado e com vontade de chorar. Comentei que estava achando que tudo ia dar ruim, que não foi a melhor decisão que tomei, que eu não queria ficar ali e que eu não sabia o que ia ser da minha vida. Então, nesse momento, ele me falou para ter calma: “Fica tranquilo. O que você quer fazer? Se for o que você quiser fazer e eu puder, te ajudarei. Diga-me o que você quer fazer. Se você quiser vir para cá, eu ajudo te recebendo; então, venha para cá se você não está se sentindo bem aí.”

Novamente, com a força e a coragem, eu tomei a decisão de não ficar na Argentina. Fiquei só por uma semana e comprei uma passagem de ônibus que me levou desde a Argentina até o Peru. Foram quase quatro dias de viagem de ônibus. Foi uma viagem muito bonita, com paisagens lindas. Cheguei ao Peru e o meu amigo me recebeu da forma como havia dito. Conheci um casal de amigos dele que morava na



mesma casa. Na verdade, ele morava com esses amigos, e eles me receberam e prestaram ajuda, um apoio, mesmo sem me conhecer.

Eu não comentei com a minha mãe sobre a minha ida para o Peru e que não ia ficar na Argentina. Somente falei para a minha mãe que eu tinha ido ao Peru quando cheguei à casa do meu amigo. Disse para ela que eu não queria preocupá-la. Ao chegar ao Peru, pensei: “O que eu vou fazer agora?”. Esse casal de amigos começou a me apoiar bastante e disseram-me: “Fica tranquilo, a gente vai te ajudar; você vai achar um trabalho rápido, aqui é muito bom e o dinheiro dá para tudo. Aqui, morando juntos, nos ajudamos.” Refleti o seguinte: “Bom, não estou sozinho e terei oportunidades; irei conseguir.” Entretanto, não foi bem assim. No mesmo dia em que cheguei, era madrugada, por volta de cinco horas da manhã. Dormi pouco, acordei e tomei café. A partir desse momento, conheci a sogra da minha amiga que tinha ido para o Peru para ajudar esses amigos, esse casal, com as crianças, que eram dois meninos. Foi quando ela ia levá-los para a escola e me convidou: “Se você quiser vir comigo, me acompanha, que te mostro mais ou menos o bairro, a cidade e ajudo a ver se tem alguma vaga de trabalho.” Segui com ela e as crianças.

Neste mesmo dia, tive o primeiro momento ruim, porque havia muitas pessoas em um restaurante com vaga para trabalhar como garçom. Super animado, fui perguntar se eles estavam precisando. A pessoa simplesmente me olhou de cima para baixo, fez cara feia e falou para mim: “Você é venezuelano?”. Respondi: “Eu sou”. “A vaga é para você?”, respondi: “Sim”. “Não, a gente não está precisando mais.” Mes-



mo com um anúncio na parte de fora do local mostrando que estavam precisando de funcionário, essa foi a minha primeira experiência com a xenofobia. Senti-me muito mal, mas ainda assim sem perder a esperança nem perder o ânimo. Continuei procurando emprego e sempre era um “não” após o outro, porque as pessoas daquela cidade do Peru tinham muito preconceito com venezuelanos. Houve muitas pessoas que saíram da Venezuela para fazer coisas ruins, mas, infelizmente, por causa dessa minoria, os peruanos começaram a julgar uma nação inteira. Por esse motivo, eles não gostavam de venezuelanos e não queriam contratar venezuelanos.

Outra coisa que foi bem difícil foi a falta de oportunidades para me regularizar, estar legalmente no país, poder trabalhar de forma legal e ter os meus direitos e certos benefícios. Isso foi uma coisa que me afetou bastante, pois não tive oportunidades. Além disso, houve o enfrentamento da xenofobia e da discriminação pela minha nacionalidade. Restou a opção de solicitar asilo político. Com isso, eu não conseguiria sair mais do país por determinado tempo. Levando em consideração todas essas experiências ruins que tive, eu não quis.

No decorrer dos dias, mantinha contato com a minha mãe. Ela enviava mensagens e conversava comigo todo o tempo. Chegou o pior dia da minha vida: 17 de abril de 2019. Após um mês da minha migração, de ter saído do meu país, da Venezuela, pois parti no dia 16 de março. Acordei no dia 17, e tinha agendado uma entrevista de trabalho. Foi quando me acordaram com a notícia de que minha mãe havia falecido. Falei com a minha mãe no dia anterior. Depois de um mês, havia conseguido fazer uma videochamada com ela: eu



a vi, a gente sorriu, conversou bastante e eu a deixei bem. Esse 17 de abril de 2019 me marcou bastante, porque nesse dia foi embora aquele meu pilar fundamental de vida, aquela mulher que sempre deu tudo para mim, aquela mulher que me deu todas essas ferramentas para eu ser a pessoa que eu sou hoje.

A pessoa que me formou e que me deu o caráter que eu tenho já não estava mais aqui. Aquele apoio, aquela mulher que sempre estava ali me aconselhando, me orientando quando estava com dúvidas, me apoiando nas decisões, já não estava mais presente. Naquele dia, parece que uma coisa dentro de mim morreu também junto com ela. E naquele desespero, não queria saber de mais nada. Apenas queria voltar para o meu país. Eu somente queria estar com os meus irmãos. Somente queria estar naquele momento. Contudo, lembrei de suas palavras, antes da minha saída da Venezuela: se chegasse a acontecer alguma coisa com ela, não gostaria que eu ficasse chorando e querendo voltar, porque não ia resolver nada.

Naquele desespero todo, chegou um momento de calma e eu disse: “Não, não adianta eu querer voltar porque cheguei até aqui com muito sacrifício e voltar para quê?”. Não ia resolver, e a minha mãe não ia voltar, não vou conseguir vê-la. Por mais dor que eu estivesse sentindo, decidi seguir em frente. E foi assim, com toda a dor da minha alma e do meu coração, fiquei e continuei.

Foram dias difíceis, dias de luta, dias em que eu não sabia o que ia fazer da minha vida sem ela. E assim, foram surgindo certas oportunidades de emprego, mas eram coisas muito



vagas. Muitas coisas não me davam aquilo de que eu precisava. Permanecia a questão pela qual não conseguia tirar nenhum documento para regularizar minha situação migratória no Peru. Entre todas essas coisas que iam acontecendo, meu amigo virou a cara para mim. Dizia que eu não queria trabalhar e que estava colocando como desculpa a morte da minha mãe. Foram muitas coisas ruins acontecendo, mas Deus sabe o que faz e até onde ele me levou. Aquele casal de amigos foi o maior apoio que tive naquele momento ruim. A sogra da minha amiga e o esposo foram um casal que hoje em dia são meus amigos, pois me apoiaram muito. Sempre me falaram para ficar tranquilo e que iam fazer de tudo para me ajudar.

Chegou a um ponto no qual não estava tendo aquele retorno que queria ter. Não estava tendo as oportunidades que esperava. Por mais que eles tivessem muito carinho por mim e estivessem me ajudando, eu não estava me sentindo bem lá porque não estava fazendo nada. Praticamente morando na casa deles sem poder dar nenhum aporte, mesmo eles dizendo que não precisavam. Quando eu fosse trabalhar eles sabiam que eu ajudaria em alguma coisa, mas que, naquele momento, eles entendiam a minha situação.

Tentei por mais tempo, então aquele amigo que mencionei anteriormente que estava no Brasil, fez muitos contatos comigo e ficou muito próximo de mim devido à perda da minha mãe. Então, fez o convite: “Você não quer vir, mesmo, para cá? Eu agora estou numa situação diferente, e estou morando numa casa sozinho, tenho um trabalho estável e as pessoas aqui estão me ajudando também; se você quiser vir para cá, as portas da minha casa estão abertas.” Ele falou



palavras que foram muito importantes: “Aqui no Brasil é totalmente diferente, o Brasil abre as portas, o Brasil te abraça, o Brasil te dá oportunidades; quando você chega aqui, tem seus documentos e você vai ter os mesmos direitos que o brasileiro tem, tanto de trabalho quanto de saúde e educação.” Essas palavras foram muito importantes porque me deram força e fizeram com que eu tomasse a decisão de vir para cá, para o Brasil. E lá vou eu novamente, com a minha mala cheia de sonhos, com a esperança de que dessa vez, sim, iria dar certo, que tudo de ruim que havia acontecido comigo tinha um motivo e uma explicação. Então, resolvi migrar para o Brasil. Comprei minha passagem e vim embora. Foram quase cinco dias de viagem de ônibus. Foram mais de sete ônibus que eu peguei para chegar. Atravessei toda a Bolívia e cheguei a Corumbá. Atravessei Corumbá e cheguei a Campo Grande. E quando cheguei, as palavras ditas pelo meu amigo se cumpriram.

Cheguei no dia 27 de maio de 2019, e no dia 30 ele fez o agendamento com a Polícia Federal para regularizar a minha situação migratória e para tirar a minha documentação. No dia 4 de junho de 2019 eu já possuía meus documentos, com o CPF, carteira de trabalho, cartão do SUS. Todo o básico necessário para uma pessoa ter qualidade de vida em um lugar. É isso que eu digo, todas as voltas que dei tiveram um porquê. O Brasil me trouxe e o Brasil me escolheu. Eu me sinto muito feliz e muito grato por todas essas oportunidades que me deram até agora, porque desde que cheguei aqui, foi somente sucesso. Quando cheguei aqui no Brasil, o grande desafio foi falar o português. Falar essa língua era algo de que eu tinha muito medo. Era uma coisa que eu dizia: “E se



não der certo?”. Esse primeiro contato com a realidade, e ver que todo mundo falava uma língua diferente, foi um grande desafio. Coloquei em mente que não seria uma língua que ia me limitar, quando eu já havia passado por muitas coisas. Passei por dois países e pela morte da minha mãe, e ainda estava em pé.

Comecei a praticar a língua, e a técnica de imersão foi uma que foi implementada. Estava rodeado de brasileiros e somente duas pessoas falavam espanhol comigo, que eram as que moravam comigo. Falava o espanhol em casa quando estava com eles, e quando saía de casa falava português. Comecei a escutar músicas e assistir a filmes em português, passei a acompanhar o telejornal e troquei o idioma do meu celular para o português. Tudo isso fez com que eu praticasse bastante a língua portuguesa.

Quando comecei a trabalhar, um mês e meio após a minha chegada ao Brasil, no dia 7 de julho de 2019, no meu primeiro emprego, com aquelas três simples palavras que eu falava: “Não entendi, repete; fala devagar”, comecei a me virar, vamos dizer assim. Eu comecei a trabalhar praticando a língua todos os dias e aquilo que achava ser um desafio estava se convertendo no meu cotidiano. Passei a não enxergar mais como um desafio, senão como uma oportunidade de aprender uma nova língua que abria novas portas, porque se eu me esforçava em aprender o português, melhorar minha fala e meu entendimento, teria novas e melhores oportunidades. E assim aconteceu: um grande desafio que findou sendo uma grande oportunidade. Hoje em dia, vejo o UEMS Acolhe como uma oportunidade. Após quase sete anos no Bra-



sil, este é o meu segundo contato com o programa, porque durante a pandemia fiz o curso com o intuito de melhorar minha fala e escrita em português. Naquele período, o curso foi totalmente *online*, e na época o certificado contava com 40 horas. Novamente, estou matriculado, dessa vez de forma presencial, porque, sim, gosto de aprender o português, pois, por mais que eu saiba muita coisa, sempre é bom aprender. Eu falo de oportunidades porque eu quero me naturalizar.

Estou fazendo todo o meu processo de naturalização e um dos requisitos, um dos documentos, é o certificado que seja avaliado por um ente público, no caso, a UEMS. Que seja um certificado que ateste que eu falo e escrevo em português. E o curso deve contabilizar 60 horas. Essa oportunidade o UEMS Acolhe está me dando agora, um curso totalmente gratuito, com um certificado para que eu possa dar entrada no processo migratório e poder me naturalizar. Essa vai ser uma das maiores conquistas. Por tanto carinho e por ser tão grato que sou pelo Brasil, irei me sentir muito orgulhoso no dia em que receber o documento que ateste que sou naturalizado brasileiro, pois sinto que eu sou daqui e que pertencço ao Brasil. Essa é a oportunidade que o UEMS Acolhe hoje em dia está dando para o meu futuro.

As principais memórias que vêm à mente quando lembro de onde venho, da minha cidade, são da minha família, pois sou uma pessoa ligada aos parentes, uma pessoa que sempre esteve rodeada pela minha família, pelos irmãos, pela minha avó e pela minha mãe. Pessoas muito importantes na minha vida. Eu lembro da minha cidade, da minha casa e tudo é lembrar da minha família. São as coisas que vêm à



minha mente. A saudade é enorme, mas o objetivo e o meu propósito aqui também são muito grandes porque estou aqui pelo meu futuro, pela minha conquista e pelos meus objetivos. Então, lembrar do meu lugar de origem é lembrar da minha casa. Lembrar da minha casa, minha mãe, meus irmãos, juntos conversando sentados no quintal de casa, dando risadas. Essas são as minhas maiores lembranças e as primeiras memórias que vêm à mente.

A cultura e a natureza influenciaram diretamente quem eu sou hoje. Por ser uma pessoa de cidade pequena, do interior, uma cidade bem agrícola. Isso reflete diretamente em mim, porque hoje em dia eu consigo enxergar as coisas mais simples e maravilhosas. Sou uma pessoa muito simples e não conformista, porque acredito que mereço o mundo todo, mas essa simplicidade, esse ambiente, essa natureza de onde eu venho me dá isso: ser uma pessoa simples, humilde, que quer o mundo inteiro para si, mas que também consegue ver e enxergar as coisas pequenas, coisas grandes e maravilhosas. O meu entorno, a minha cidade e a natureza do meu lugar de origem me dão isso.

Graças a Deus, nunca houve grandes coisas em questão de terremotos, enchentes e poluição. Eu sempre digo que venho de uma terra muito quente. Campo Grande me faz lembrar muito da minha cidade, do meu estado, porque é o mais quente da Venezuela. Então, em questão de clima, são muito parecidos. Apenas uma pequena particularidade: lá não existem as quatro estações do ano. Temos duas estações, as quais chamamos de inverno e verão. O verão é de muito sol, e o inverno é de muita chuva. Não lembro de en-



chentes que fossem muito graves, sempre com chuvas fortes. Alguns alagamentos em casa, sim, mas nada com que se preocupar e nada a se lamentar. Sustos, vamos dizer assim, em questão climática, quando vem o inverno na Venezuela, na minha cidade tem um rio que é bem imprevisível. Quando chove muito, o rio enche e tende a fazer certos estragos. Isso não afeta diretamente a minha cidade. Graças a Deus, nunca houve uma questão climática que me marcou ou me deixou preocupado.

Hoje em dia, sou uma pessoa mais madura e que tem sete anos a mais. Eu cheguei com 27, hoje tenho 33, quase 34 anos, e as oportunidades continuam. Estou procurando me encontrar e estou me encontrando. Com pouco tempo aqui no Brasil, falando em oportunidades, eu consegui comprar o meu apartamento. Não é um apartamento de luxo, mas, como disse antes, eu sou uma pessoa grata e vejo muito valor nas coisas simples. Moro sozinho, desde que comprei o apartamento. Consegui conquistar uma moto nova e do jeito que eu queria.

Atuo numa área de que eu gosto, e já são quase dois anos nela. Trabalhei em outras áreas diferentes, já fui supervisor de vendas em uma loja de departamentos muito grande. Fui supervisor de vendas em uma loja de material de construção bem reconhecida aqui na cidade. E hoje, trabalho como balconista em uma farmácia, em uma rede muito grande de farmácias do Brasil. Sou muito grato por ter chegado a essa farmácia, onde estou conseguindo me encontrar e a entender o que eu quero para o meu futuro. E o que eu quero para o meu futuro é estudar Farmácia, me formar e ser far-



macêutico. Até agora não consegui entrar na faculdade, mas isso não é uma limitação. Eu sei que vou conseguir porque é a primeira oportunidade que tenho com a farmácia em si. Moro sozinho e todo o peso das despesas vem para mim. As faculdades são caras. Mas isso é uma questão de tempo, e ainda não consegui me organizar para poder pagar uma faculdade de farmácia. Os custos são um pouco altos, mas eu vou conseguir.

A primeira oportunidade que eu estou tendo é em uma instituição de ensino muito grande, que é o SENAC, ao qual também sou muito grato pela oportunidade que o SENAC possibilita, tanto aos migrantes como a pessoas que têm recursos escassos. Eles fizeram um edital e eu consegui optar por uma vaga de gratuidade e estou matriculado em um curso Técnico em Farmácia. Em 2027, me formarei como técnico em farmácia, e, uma vez formado, me organizarei para começar a faculdade de Farmácia.

Este sou eu e um pouco da minha história. Espero que essa história consiga ajudar a inspirar outras pessoas e mostrar que não existem limites. Os limites estão somente na nossa cabeça, e depende de nós conseguir o que queremos para o nosso futuro e para a nossa vida.



## Desafios linguísticos



Kathia Jean

*O UEMS Acolhe também me permitiu conhecer pessoas na mesma situação linguística que eu, ao mesmo tempo em que cria vínculos e reduz os sentimentos de isolamento.*

**S**ou Kathia Jean, venho do Haiti e estou há cerca de cinco meses aqui no Brasil. Então, a razão que me traz ao Brasil é o estudo, pois sou apaixonada pelo aprendizado. Sou mestranda na área de geografia, especialmente em geografia urbana, em uma universidade pública.

Durante a minha viagem, enfrentei algumas dificuldades, como o cansaço, pois a viagem foi longa. A maior dificuldade foi a língua, porque de São Paulo a Dourados, fiz a viagem de ônibus com pessoas que falavam apenas o português. No entanto, eu falo apenas francês e crioulo. Quando essas pessoas falavam comigo, eu não compreendia a língua, o que tornava as coisas complicadas. Toda pessoa, para poder se integrar em uma nova sociedade à qual chega, deve dominar a língua dessa sociedade e se adaptar à sua cultura.



Para mim, o UEMS Acolhe tem uma grande importância, pois representa um espaço de prática e adaptação. De fato, a aprendizagem de uma língua não se baseia apenas nas palavras, mas também nos hábitos, nas expressões e nas formas de se comunicar. O UEMS Acolhe também me permitiu conhecer pessoas na mesma situação linguística que eu, ao mesmo tempo em que cria vínculos e reduz os sentimentos de isolamento.

Quando penso no meu país, as coisas que me vêm à mente são minha família e os bons momentos compartilhados com amigos. A natureza também é um elemento importante para mim, como as belas paisagens que eu admirava quando estava triste e que me traziam calma e conforto. No que diz respeito ao ambiente, à natureza e à cultura do meu país, eles têm uma grande influência sobre mim, pois me ensinaram valores como o respeito e a solidariedade, mas também a perseverança para continuar os meus estudos.

Graças a esse ambiente, aprendi a acreditar em mim, a permanecer serena e a não desistir. E lá, no bairro onde cresci, não se percebem realmente grandes mudanças, mas há o risco de seca. De fato, cresci no campo e as pessoas dependem da chuva para viver. Quando não chove, elas quase não têm água para usar, e as fontes ficam secas. Acho que isso se deve ao corte abusivo de árvores.



## O mar do Caribe venezuelano



Sol del Mar

*As primeiras memórias que vêm à mente quando penso de onde vim, são as de que eu estou com muita saudade do mar. Além disso, da minha família, do mar do Caribe, das amizades e da cultura.*

**C**ontarei um pouco sobre mim. Sou uma mulher de 37 anos. Saí da Venezuela aos 29 anos. Estudei na faculdade lá, o curso chamado Relações Industriais, que seria o equivalente a RH. Sou filha única de pai e mãe, mas tenho outros irmãos de outros casamentos deles.

Na Venezuela, eu gostava muito de fazer trilhas, correr maratonas e viajar. Meus pais estão vivos. Alguns dos meus irmãos estão na Venezuela; outros, na Colômbia, outros, no Peru. As famílias se espalharam por vários países.

O país caiu. Com aquela crise toda, decidi emigrar. Primeiro, eu ia para o Peru, mas comecei um relacionamento, e o namorado propôs que saíssemos do país de bicicleta. Passamos pela Colômbia, pelo Equador e pelo Peru. Da Cordilheira Andina, descemos para a selva peruana, entrando no Brasil pelo Acre.



A Colômbia é um país que tem guerrilha e paramilitares, e foi, para mim, viajando de bicicleta, difícil no sentido de passar sustos. Eles, ligeiramente, colocam bombas nas pontes. Quando entramos, estávamos recém-chegados a Bucaramanga; meu namorado tinha família em Cali, que já sabia que a gente estava começando a viagem, e falou para não continuarmos, porque a guerrilha estava colocando bombas no caminho. Verdadeiramente, quando migramos, não se sabe os contextos do país e as questões. Ouvíamos falar, mas não imaginávamos que, quando fôssemos passar, isso poderia estar acontecendo.

O Equador foi um país tranquilo. Trabalhamos quatro meses em uma fazenda. Continuei a viagem para o Peru. Lá, parei por seis meses, trabalhei, e o grande desafio foi a xenofobia. Muita xenofobia em relação aos venezuelanos, porque haviam acontecido algumas situações em que diziam que “todos os venezuelanos são iguais.”

No Peru, foi a xenofobia, e lá iniciou o desafio para chegar ao Brasil. Entrei pelo Acre, e o desafio foi a língua. Assim que chegamos e cruzamos a fronteira, a primeira coisa que fizemos foi baixar o *Duolingo* para entender um pouco do português. Tínhamos que apontar para aquilo que queríamos comprar. Quando íamos pedir ovos, dizíamos *huevos* para as pessoas, e elas não entendiam. A gente não as entendia, e elas não nos compreendiam; esse foi o grande desafio para nós aqui no Brasil.

O UEMS Acolhe, nesse momento da minha vida, foi uma grande oportunidade, porque conheci pessoas que me deram as informações para entrar no curso superior, mesmo tendo



começado no nível básico do módulo de acolhimento linguístico. Às vezes, quando a gente vai a um lugar, isso abre portas, e essa foi a porta do UEMS Acolhe para mim: abriu o caminho para entrar na universidade e conhecer muitas pessoas. Professores e pessoas que estavam sempre à disposição; e eu acredito que a grande importância foi essa: pessoas que doam praticamente seu tempo para ensinar ao outro.

As primeiras memórias que vêm à mente quando penso de onde vim são as de que eu estou com muita saudade do mar. Além disso, da minha família, do mar do Caribe, das amizades e da cultura. Às vezes, a música que você escutava em um bairro, a música que você escutava no ônibus. Aqui, o ônibus não toca música com frequência. A memória também remete a algumas comidas específicas, porque já há venezuelanos vendendo comida aqui. Também, dos bons momentos com a família, dos encontros e das reuniões.

Os elementos da natureza eram importantes para mim, como eu havia dito: o mar. Eu sou da região litorânea do norte da Venezuela, e a praia fica a uma hora da minha cidade. Eu sou do estado de Aragua, da cidade de Maracay. Então, temos muitas praias lindas e muitas montanhas também. A Venezuela tem, por onde você vê, aos lados, montanhas, o que aqui é raro de se ver em Campo Grande. Então, para mim, as montanhas e a praia são os elementos mais importantes. Aos rios, íamos pouco, mas à praia, sempre.

O ambiente e a cultura aqui em Campo Grande são bem diferentes. Nós temos outros ritmos para dançar que não se escutam aqui. Há as questões próprias das cidades, festas comemorativas que às vezes não se dão nas mesmas datas: o



Dia das Crianças e o Dia dos Namorados. O Dia das Mães é comemorado no mesmo dia no Brasil.

A natureza influi muito. De fato, eu penso que nós, a maioria dos venezuelanos, sofremos por não ter o mar perto, pois o mar do Caribe quase que rodeia toda a Venezuela. Logo, para qualquer pessoa, é raro escutar sobre quem não conhece o mar. Não é igual aqui, que você tem que ir mil quilômetros, nem que seja até São Paulo, para conhecer a praia; lá na Venezuela, é algo muito perto. Agora, eu vejo meu país como sendo pequeno.

Na Venezuela, não sofri com nenhum tipo de evento climático extremo. Poluição pode haver quando existe algum incêndio. Temos terremotos leves, mas que não causaram algo que tenha afetado a minha vida. Aqui, sim, os efeitos das mudanças climáticas são sentidos de forma muito forte. Aqui no Brasil, para nós, o clima é bastante diferente, vai aos extremos.



## Uma poliglota visionária



Sanite Destin

*A maneira como fui criada, em um ambiente que valoriza o esforço e a família, moldou minha ética de trabalho e minha determinação em vencer os obstáculos, não importa quão longe eu esteja de casa.*

**S**ou haitiana poliglota. Falo francês, inglês, crioulo haitiano e estou estudando português. Tenho experiência profissional em diversas áreas: trabalhei por muito tempo com atendimento ao cliente (chat e e-mail) para o mercado norte-americano, sou costureira industrial qualificada e já estudei enfermagem. Atualmente, trabalho em uma farmácia manipulando medicamentos. Além disso, sou mãe e dedico muito tempo ao cuidado da minha filha.

Vim ao Brasil em busca de novas oportunidades de trabalho e uma vida melhor para mim e para minha família. Escolhi me estabelecer em Campo Grande, onde estou reconstruindo minha carreira e garantindo que minha filha tenha acesso a uma boa educação e saúde.

A jornada de migração sempre apresenta desafios, desde a logística da viagem até a adaptação em um novo país



com uma cultura diferente. Um dos maiores desafios foi o processo de integração inicial, como abrir uma conta bancária e entender o sistema local, além da saudade da família que ainda não está aqui comigo.

O programa UEMS Acolhe é fundamental porque oferece o suporte necessário para a integração linguística e social. Aprender o idioma local é a chave para que eu possa exercer plenamente minhas habilidades profissionais e me comunicar melhor na comunidade e no meu trabalho atual.

Minhas primeiras memórias estão ligadas ao convívio familiar, às tradições da minha terra e ao ambiente onde cresci. Lembro-me muito do apoio da minha família e dos primeiros passos na minha vida profissional e acadêmica antes de decidir emigrar.

A natureza em minha terra natal sempre foi uma parte essencial do cotidiano. Seja pela paisagem ou pelo clima, esses elementos trazem uma sensação de pertencimento e de conexão com as minhas raízes.

A cultura do meu lugar me deu a base da minha resiliência e a facilidade com idiomas. A maneira como fui criada, em um ambiente que valoriza o esforço e a família, moldou minha ética de trabalho e minha determinação em vencer os obstáculos, não importa quão longe eu esteja de casa.

Percebi mudanças climáticas ao longo dos anos, como alterações nos períodos de chuva ou calor mais intenso, o que muitas vezes impacta a vida urbana e a economia local, influenciando indiretamente a decisão de muitas pessoas de buscarem novas oportunidades em outros lugares.



## CONSIDERAÇÕES DESTA TRAVESSIA

*A memória cultural não se deixa armazenar em lugares significativos, pois estes só podem ativar e suportar processos de lembrança em conjunto com outras mídias de memória.<sup>1</sup>*

A pesquisa que deu origem a este livro apresentou um caráter inovador ao articular ecocrítica e memória no contexto dos migrantes internacionais acolhidos pelo programa UEMS Acolhe.

As narrativas materializadas nesta obra consolidam o impacto do pós-doutorado para além do ambiente acadêmico. Esta publicação reúne as histórias dos participantes, ressignificando suas memórias e valorizando a oralidade em contextos de deslocamento, além de possibilitar reflexões fundamentais sobre o acolhimento linguístico de migrantes internacionais em espaços educacionais. Como pontua Byung-Chul Han, “a hospitalidade é a expressão suprema da razão universal que chegou a si mesma. A razão não consiste em um poder homogeneizador. Com *afabilidade*, ela está em

<sup>1</sup> *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (Assmann, 2011, p. 25).



condição de reconhecer o outro em sua alteridade e dar-lhe boas-vindas. *Afabilidade significa liberdade*” (Han, 2022, p. 35).

Ao resgatar e ressignificar essas vozes, a pesquisa cumpriu seu objetivo de aprofundar a compreensão das memórias relacionadas aos lugares de origem e ampliar os estudos ecocríticos e da memória no âmbito do PPGEL/UFMS. Dentro dessa perspectiva, foram atendidos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, com destaque para o ODS 13 (Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos), o ODS 16 (Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis) e o ODS 17 (Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável), este último materializado pela cooperação interinstitucional entre a UFMS e a UEMS para o acolhimento linguístico humanitário.

O desenvolvimento do estudo e a publicação desta obra alinharam-se às discussões e ao engajamento global propostos pela agenda da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 30), consolidando o impacto social da realização da pesquisa.

“O sertão está em toda parte.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> *Grande sertão: veredas* (Rosa, 2021, p. 13).



## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe (coord.). Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

OIM. Relatório Mundial sobre Migração de 2024 revela as últimas tendências e desafios mundiais para a mobilidade humana. **ONU – Migração Brasil**, 7 de maio de 2024. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/relatorio-mundial-sobre-migracao-de-2024-revela-ultimas-tendencias-e-desafios-mundiais-para-mobilidade-humana>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

MBEMBE, Achille. **A comunidade terrestre**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2025a.

MBEMBE, Achille. **Democracia como uma comunidade de vida**. Tradução de Pedro Taam. São Paulo: n-1 Edições, 2025b.

MELO, Gleidson; GUIDA, Angela. **Ecocrítica**: a poética ecológica em Mia Couto. Campo Grade: Editora Ecodidática, 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

VINCE, Gaia. **O século nômade**: como a migração climática transformará o mundo. Tradução de Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Quinta Editora, 2025.



## AGRADECIMENTOS

**A**gradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), em especial à Profa. Dra. Angela Guida, pela supervisão do pós-doutorado, e ao UEMS Acolhe, na pessoa do Prof. Dr. João Fábio Sanches da Silva, por viabilizar a realização da pesquisa de extensão.

Aos migrantes internacionais participantes, pois, sem as suas vozes de pertencimento, não seria possível materializar esta obra.

Aos professores ministrantes das aulas de “Português para Migrantes Internacionais: Módulo Acolhimento”: Anderson Silveira Barbosa, Angélica Leite, Gabriel Gomes Araújo, João Felipe Gomes Marcos e Andrielly da Silva Oliveira, que apoiaram, acompanharam e disponibilizaram momentos para a realização das oficinas de leitura e escrita criativa.



Aos tutores do polo UEMS Acolhe, pela dedicação incansável no processo de aprendizagem dos migrantes e pelas colaborações durante a realização do estudo.

À Profa. Dra. Marta Melo, pelos momentos de reflexão, leitura minuciosa e revisão desta obra.

Aos amigos e amigas do Grupo de Pesquisa Lumiar, pelo apoio de sempre.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso deste trabalho.

**Gleudson Melo**



## SOBRE OS AUTORES

### Organizadores



**Gleidson Melo** é doutor e pós-doutor em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com área de concentração em Literatura, Estudos Comparados e Estudos Interartes. Mestre em Entomologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e membro do Grupo de Pesquisa Lumiar (CNPq).



**Angela Guida** é mestre em Teoria Literária (UFJF), doutora em Ciência da Literatura/Poética (UFRJ) e pós-doutora em Estudos Literários (UFMG). Atua como docente na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS). Em suas pesquisas, prioriza saberes e relações transdisciplinares. Possui vários trabalhos na área de ecocrítica e zooliteratura, bem como orientações de mestrado e doutorado. Coordena o Grupo de Pesquisa Lumiar, vinculado ao CNPq.



## Prefácio

**João Fábio Sanches Silva** é coordenador geral do programa UEMS Acolhe – Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes Internacionais. Professor e doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período de estágio de doutorado sanduíche na University of British Columbia, Canadá. Realizou estágio pós-doutoral em Linguística na Universidade de Brasília (UnB).

## Autores

**Abdellah Ali** é marroquino e estudante. Tem interesse em ampliar conhecimentos e compreender novas culturas. Valoriza os laços familiares e os valores de respeito e hospitalidade aprendidos em sua terra natal.

**Abdu Alhausawi** é saudita. Nasceu e cresceu na Arábia Saudita. Sua família é de origem nigeriana, pertencente à etnia haussá, um dos maiores grupos étnicos da África.

**Ahmed Mansour** é palestino. Antes de migrar para o Brasil, residia na Síria, onde viveu momentos de tranquilidade antes do início da guerra.

**Alejandro Gonzalez** é colombiano e possui formação técnica em agropecuária e zootecnia. Após ter passado por experiên-



cias como refugiado no Equador e Peru, encontrou no Brasil um novo lar.

**Anghely Juliett Contreras** é venezuelana. Deixou a Venezuela, onde atuava como advogada. Atualmente, é estudante de Turismo em Campo Grande, MS.

**Bella Guterres** é timorense e migrou para o Brasil para acompanhar o esposo em seu doutorado. É dedicada à educação e à missão de transformação da sua nação.

**Julia Rojas** é boliviana e tem orgulho de suas raízes do oriente boliviano. É mãe, vive no Brasil há seis anos e dedica-se a construir sua trajetória com muita dedicação.

**Kathia Jean** é haitiana e apaixonada pelo aprendizado. É mestranda e estuda geografia urbana em uma universidade pública.

**Lautem Iliomar** é timorense e doutorando em uma universidade pública. Migrou com o objetivo de garantir melhores oportunidades de estudo para sua família.

**Luís Bracho** é venezuelano. Após experiências migratórias pela Argentina e Peru, encontrou no Brasil um espaço de recomeço e aprendizado.

**Lili Roça** é boliviana e mãe de três filhos. Migrou para o Brasil em busca de inclusão e tratamento de saúde especializado para seu filho mais novo.

**Maria Flores** é boliviana, trabalha como empregada doméstica e carrega consigo uma história de superação. Seu maior sonho é estudar e formar-se na área de enfermagem.

**Marie Jezou** é haitiana e mestranda em Educação e Psicopedagogia. Professora e empreendedora, dedica-se à formação



de jovens e acredita na educação como ferramenta de mudança social.

**Mujer Valiente** é cubana e busca uma vida tranquila e de paz no Brasil.

**Nena Uwo** é boliviana que encontrou no Brasil novos horizontes para seguir em frente e superar os desafios da migração.

**Pedro Aza** é venezuelano, possui qualificação como cozinheiro pelo SENAC e é estudante de Turismo. Encontrou no Brasil um território de acolhimento e ressignificação profissional.

**Sanite Destin** é haitiana, poliglota com experiência profissional em diversas áreas. É costureira industrial qualificada e já estudou enfermagem. Atua em uma farmácia de manipulação.

**Sol del Mar** é venezuelana e apaixonada por esportes e viagens. Em busca de novas perspectivas, migrou de bicicleta até chegar ao Brasil.

**Yvrose Desir** é haitiana e engenheira agrônoma com especialização em Gestão Ambiental. Cursa mestrado em uma universidade pública.



## ÍNDICE REMISSIVO

- A**
- Alteridade 106  
Autonomia 11, 64
- B**
- Biodiversidade 61, 75, 76  
Bolivianos 59, 60
- C**
- Cáritas Arquidiocesana 73  
Cidadania 10, 11, 13  
Colombianos 59, 60, 72  
Condições análogas à escravidão 19  
Crioulo Haitiano 60, 103
- D**
- Deslocamento territorial 9  
Diversidade cultural 12, 58, 59, 60
- E**
- Ecocrítica 15, 16, 17, 105, 110  
Educação 9, 19, 26, 28, 31, 32, 39, 40, 45, 46, 47, 48, 56, 78, 79, 91, 103  
Experiência profissional 103
- F**
- Fluxos migratórios 9, 12, 13, 18  
Fronteiras 12, 13, 46, 85
- H**
- Haitianos 59, 60  
Herança espiritual 19, 33, 38  
Hospitalidade 21, 62, 63, 78, 105
- I**
- Identidade 16, 50, 58, 60  
Inclusão social 12  
Integração social 10
- M**
- Mar do Caribe 21, 99, 101, 102  
Meio ambiente 47, 50, 60  
Memória 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 31, 38, 50, 60, 63, 77, 93, 94, 99, 101, 104, 105, 106  
Migração climática 21  
Mudanças climáticas 21, 31, 32, 61, 102, 104, 106



**N**

Naturalização 93

Natureza 20, 21, 31, 47, 49, 50, 59, 60, 63, 68, 70, 75, 76, 94, 98, 101, 102, 104

**P**

Políticas linguísticas 11, 14

Políticas Públicas 10, 11, 12, 13, 51

Português como Língua de Acolhimento 9, 10, 11

Psicopedagogia 45, 112

**R**

Racismo ambiental 16

Refugiados 11, 72, 73

Refúgio 71

Resiliência 104

Reterritorialização 11

**S**

Solidariedade 61, 98

**T**

Terremotos 47, 61, 76, 94, 102

Timorenses 29

Travessia 21, 22, 70, 71, 72, 73, 85, 105

Turismo 50, 51, 58

**U**

UEMS Acolhe 14, 17, 18, 21, 31, 44, 45, 48, 51, 59, 60, 62, 67, 74, 77, 92, 93, 97, 98, 100, 101, 104, 105, 108, 109

**V**

Venezuelanos 59, 60, 88, 100, 101, 102

Vulnerabilidade social 11

**X**

Xenofobia 88, 100

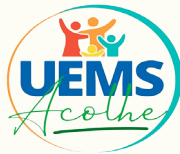


## Apoio

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.



## Agradecimentos



<https://editoraecodidatica.com.br>



# MEMÓRIAS

## vozes de migrantes internacionais

Organização

Gleudson Melo  
Angela Guida

Prefácio

João Fábio Sanches Silva

editora **ECO**  
Didática

ISBN 978-65-85640-19-0



9 786585 640190